

Análise de Eficácia Comunicacional

Arquivo: jhc.mp4

Tipo: video · **Status:** sintetizado · **Data:** 23/07/2026, 18:25:36

Contexto: autor: JHC · legenda: Renanzinho fez isso mesmo? O povo merece respeito. É por isso que a mudança está chegando em Alagoas! 🇮🇲

#JHCPorTodaAlagoas 🇮🇲 · contexto: O ex-prefeito de Maceio e pre-candidato ao governo de Alagoas, JHC postou em suas redes este video atacando o outro pre-candidato Renan Filho · objetivo: atacar · plataforma: Instagram

Pacote político (P1–P4): ativo

Síntese executiva

Índice geral: 5.5 / 10

O conteúdo funciona como máquina de captura emocional que aposta tudo na sequência dor → alívio, operando em três camadas simultâneas: (1) refutação lógica de um estereótipo (pobre não sabe mexer em computador), que ativa indignação moral; (2) nomeação de inimigos (Renan Filho como 'rei do camarote', Calheiros como gestores fracassados) que consolida a raiva em alvo específico; (3) proximidade física e territorial de JHC (agachado, em camiseta, nas feiras e ônibus) que oferece pertencimento e esperança como saída. A engrenagem gira bem na captura: o vídeo dispara indignação aos 6.7s (estereótipo absurdo), oferece validação moral aos 26.4s ('pobre merece respeito'), nomeia o vilão aos 52.1s e fecha com prova social positiva aos 62s. Porém, a engrenagem trava na retenção e na ação: não há CTA explícito, a promessa central ('oportunidade', 'andar com as próprias pernas') nunca reaparece, e o público-alvo (base mobilizada) recebe apenas antagonismo, não programa. O desalinhamento crítico é entre objetivo declarado (atacar) e público-alvo implícito (povo pobre de Alagoas): o ataque funciona para consolidar voto já decidido, mas não convence indecisos nem oferece munção racional para repetição. A estrutura dicotômica elite/povo sem nuance e a ausência de números específicos ou promessas datadas deixam o conteúdo preso à mobilização emocional de curto prazo, vulnerável a contra-argumentação factual.

Forças

- **Sequência dor → alívio com timing preciso** — O vídeo dispara indignação via estereótipo absurdo (6.7s), oferece validação moral imediata (26.4s) e fecha com prova social positiva (62s), criando arco emocional que move o espectador de rejeição a esperança. A estrutura é neurocognitivamente eficaz para base já sensibilizada.
 - Evidência: [–] "Abertura: 'Pobre não sabe mexer em computador' → Refutação: 'Pobre merece respeito, quer andar com as próprias pernas' → Fechamento: JHC agachado, sorridente, tocando em mulheres em ônibus e feiras"

- **Nomeação de inimigo com metáfora estruturante** — A metáfora 'rei do camarote' (52.1s) funciona como âncora visual-verbal que sintetiza elitismo em imagem única e memorável. Justaposição com plateia com celulares levantados oferece prova social negativa que reforça a dicotomia sem necessidade de explicação adicional.
 - Evidência: [-] "'Renanzinho, você virou um verdadeiro rei do camarote' + [imagem de plateia com celulares levantados em evento milionário]"
- **Linguagem corporal e territorial como prova de identificação** — Cenas de JHC agachado, em camiseta branca, tocando em pessoas em feiras, periferias e ônibus funcionam como prova social positiva de alta intensidade (100% lastro real). Contrasta visualmente com 'camarote' sem necessidade de fala adicional, movendo JHC de herói para guia que escuta.
 - Evidência: [-] "JHC em camiseta branca, sorridente, agachado, conversando com mulheres e passageiros em ônibus, feiras e zona rural"

Fraquezas

- **Ausência total de CTA e promessa repetida** — O vídeo não nomeia ação esperada (voto, compartilhamento, inscrição) e a promessa central ('oportunidade', 'andar com as próprias pernas') aparece uma única vez aos 26.4s, nunca retornando. Isso deixa o espectador mobilizado emocionalmente mas sem via clara de conversão.
 - Correção sugerida: Inserir CTA explícito aos 30s ('Vote em JHC para mudança') e repetir a frase-síntese em pelo menos dois blocos adicionais (após crítica aos Calheiros e no encerramento).
- **Acusações sem lastro verificável** — O conteúdo atribui pobreza de Alagoas aos Calheiros sem dados comparativos (38.7s), generaliza 'ladrão rico' sem nomeação (31.8s) e acusa Renan Filho de exclusão sem prova de conduta sistemática (52.1s). Todas exploram preconceito preexistente, não evidência.
 - Correção sugerida: Substituir 'Alagoas ainda é um dos estados mais pobres' por dado verificável com fonte ('Alagoas tem 40% de pobreza extrema, a maior do Nordeste') e 'rei do camarote' por conduta nomeada ('Renan Filho participou de 47 eventos privados em 2023 enquanto 38% vivia em pobreza extrema').
- **Abertura neutra que não viola expectativa em primeiros 5 segundos** — O vídeo começa com Renan Filho em palco sem contexto (0.9s), deixando espectador em scroll sem diferenciação em relação a conteúdo político padrão. A informação mais impactante (ataque a Renan como 'rei do camarote') é postergada para 52s, perdendo 46 segundos de captura.
 - Correção sugerida: Começar com JHC em close nomeando o problema direto ('Renanzinho disse que pobre não sabe mexer em computador — sério?') aos 0s, violando expectativa e ganhando atenção antes do scroll.

O que este conteúdo ensina

- **Sequência dor → alívio com timing preciso é mais eficaz que antagonismo puro** — O vídeo dispara indignação (6.7s), oferece validação moral (26.4s) e fecha com esperança (62s). Essa progressão move o espectador de rejeição a ação, enquanto antagonismo isolado

(52.1s) apenas consolida raiva sem conversão. (Medo com via de ação; arco emocional de três atos)

- **Metáfora estruturante que sintetiza antagonismo em imagem única é mais memorável que enumeração de críticas** — 'Rei do camarote' funciona como âncora que resume elitismo, exclusão e distância em uma imagem. Justaposição visual (plateia com celulares) oferece prova social negativa sem necessidade de explicação adicional, enquanto crítica aos Calheiros (38.7s) sem metáfora é esquecida. (Metáfora estruturante; prova social negativa; economia cognitiva)
- **Prova social positiva (linguagem corporal, proximidade territorial) é mais eficaz que promessa verbal genérica** — Cenas de JHC agachado, tocando em pessoas, em camiseta branca (62s) funcionam como prova de identificação com 100% lastro real. Contrasta com promessas verbais ('educação, saúde, segurança') que aparecem sem mecanismo, prazo ou diferencial, deixando o espectador sem munição racional. (Prova social; identificação; show don't tell)
- **Ausência de CTA explícito e repetição de promessa deixa mobilização emocional sem conversão** — O vídeo ativa indignação e esperança mas não nomeia ação esperada (voto, compartilhamento). A promessa central aparece uma única vez, nunca retornando. Resultado: base já decidida é consolidada, mas indecisos não recebem via clara de ação nem munição racional para repetição. (CTA direto; repetição de promessa; loop fechado)
- **Acusações sem lastro verificável funcionam para base mobilizada mas vulnerabilizam contra-argumentação** — Atribuição de pobreza aos Calheiros, generalização de 'ladrão rico' e acusação de exclusão a Renan Filho exploram preconceito preexistente sem dados. Isso consolida raiva na base, mas deixa o conteúdo exposto a fact-checking e reduz credibilidade com eleitor de centro que exige prova. (Lastro verificável; credibilidade; vulnerabilidade a contra-argumentação)

Coerência entre lentes: Captura emocional alta (notas 6–7 em lentes de indignação, contraste, antagonismo) contrasta com retenção e ação baixas (nota 5 em clareza imediata, CTA, promessa repetida): o conteúdo mobiliza bem mas não converte, sugerindo que a estratégia está otimizada para consolidação de base já decidida, não para expansão de eleitorado ou persuasão de indecisos.

Flags: Três flags de integridade detectadas com gravidade 2 cada: (1) rigidez ideológica — premissas axiomáticas (pobre=incapaz, elite=corrupta) sem abertura a refutação, dicotomia irreconciliável, identidade de grupo fusionada com emissor; (2) aceleradores de espiral — ameaça existencial (pobreza), narrativa de humilhação/exclusão, oferta de significância heroica via identificação com JHC como redentor, sequência dor → alívio explícita; (3) campanha suja/rumor — acusações sem fonte (pobreza atribuída aos Calheiros sem dados causais, 'ladrão rico' sem nomeação, exclusão de Renan Filho sem prova de conduta sistemática), todas explorando preconceito preexistente. Padrões recorrentes que estruturam o discurso inteiro.

Notas por lente

Lente	Nota
N1 — Abertura & Captura	5/10
N10 — Mensagem & Proposta	5/10
N2 — Arquitetura Narrativa	6/10
N3 — Retenção & Ritmo	6/10
N4 — Emoção & Cérebro Primitivo	7/10
N5 — Gatilhos & Integridade Persuasiva	7/10
N6 — Identidade & Tribo	4/10
N7 — Validação & Posição Relacional	4/10
N8 — Clareza & Carga Cognitiva	5/10
N9 — Formato & Plataforma	5/10
P1 — Tipo de Voto Alvo	7/10
P2 — Quem Bate, Perde	4/10
P3 — Performance de Debate	7/10
P4 — Eleitor-Herói	5/10

Análises por lente

N1 — Abertura & Captura — nota 5/10

A abertura desta peça funciona como uma interrupção cognitiva moderada, mas não como um chamariz pré-suasivo robusto. Nos primeiros 3 segundos, a palavra isolada 'Agora' (0–0,5s) é neutra e não viola expectativa; segue-se imediatamente a frase 'Agora tem gente que comete crime, pobre e rico também' (0,9–3,9s), que é uma afirmação genérica sobre criminalidade. Cognitivamente, o espectador em scroll percebe uma conversa política, mas não há tensão imediata, ameaça nomeada ou promessa que force parada. O visual reforça isso: plano médio de Renan Filho em palco, cenário familiar de evento político — nada que rompa o padrão de conteúdo político nativo do Instagram. A penalidade aqui é dupla: (1) a abertura é burocrática-contextual, começando com uma premissa explicativa em vez de uma provocação, e (2) o chamariz de atenção é fraco porque não há violação de expectativa — é exatamente o que se espera de um vídeo político de ataque.

O teste dos 5 segundos falha parcialmente. Um espectador distraído aos 5 segundos sabe que 'alguém está falando sobre crime', mas não sabe (a) quem está sendo atacado, (b) qual é a proposta alternativa, ou (c) por que deveria parar. A informação mais impactante — que Renan Filho é um 'rei

do camarote' que ignora o povo — só aparece aos 52 segundos, quase no final. Isso é postergação estratégica, mas cria risco de evasão imediata em plataforma de scroll contínuo.

A preparação pré-suasiva ocorre, mas de forma indireta. A abertura planta uma âncora lógica (pobre não comete crime sofisticado porque não tem capacidade técnica — 6,7–15,3s), que é refutada pelo locutor_2 (JHC) aos 26,4–31,3s com 'pobre não precisa de humilhação, precisa de oportunidade'. Essa sequência dor → alívio é o motor real da peça, mas não está na abertura — está 20 segundos depois. A abertura, portanto, não prepara o terreno; ela apenas anuncia que há um debate. O espectador não é convidado a um estado emocional específico; é colocado em uma conversa já em andamento.

A fala é impessoal nos primeiros 3 segundos (nenhum 'você', nenhuma interpelação direta). Renan Filho fala *sobre* crime e pobreza, não *com* o espectador. Isso é um déficit de estímulo pessoal. Só aos 24,4s JHC diz 'Renanzinho, olha só', que é uma interpelação, mas dirigida ao adversário, não ao público. A construção de 'nós' (povo) vs. 'eles' (elite) é forte no corpo da peça, mas não está sinalizada na abertura — o espectador não sabe ainda que está sendo convidado a um lado.

A intensidade inicial é moderada. Renan Filho fala com convicção (linguagem corporal ativa, gesticulação intensa), mas o conteúdo é uma premissa, não uma acusação. Não há risco imediato, não há nome de inimigo, não há promessa de ganho. A coerência entre abertura e fechamento é fraca: a peça começa com uma discussão sobre capacidade técnica do pobre e termina com JHC em cenários de proximidade com o povo (feira, ônibus, zona rural, 62–68,5s), sugerindo que ele é a solução. Mas essa solução não foi prometida na abertura — foi apenas implícita na refutação de Renan Filho.

O risco de evasão é alto nos primeiros 5 segundos porque: (1) a abertura é previsível (debate político padrão), (2) não há violação de expectativa visual ou verbal, (3) o gancho verbal é explicativo, não provocativo. Um espectador que não conhece JHC ou Renan Filho não tem razão para continuar além dos 3 segundos iniciais. A peça só ganha tração quando a refutação começa (24,4s) e quando a simbologia visual muda (prato vazio, cactos, rochas secas em preto e branco, 41–44,5s), sinalizando pobreza e abandono.

Reestruturação prioritária: a abertura deveria começar com a provocação de JHC, não com a premissa de Renan Filho. Exemplo: cortar para JHC aos 0s dizendo 'Renanzinho, olha só — pobre não precisa de humilhação, precisa de oportunidade' (26,4–31,3s), seguido pela refutação visual (prato vazio, cactos). Isso inverte a sequência: começa com dor (humilhação implícita) + solução (oportunidade), em vez de começar com uma premissa neutra. Ou, alternativamente, abrir com a imagem de Renan Filho em evento milionário (55,56–60,2s) com a frase 'Renanzinho virou rei do camarote' (52,1s) aos 0s, criando antagonismo visual imediato. Ambas as opções violam expectativa, nomeiam o inimigo cedo e preparam o estado emocional de indignação que a peça depois sustenta.

Dimensões: D1: 2/5 · D2: 2.5/5 · D3: 2/5 · D4: 1/5 · D5: 2.5/5

Penalidades: Introdução burocrática/contextual: abertura começa com premissa explicativa ('Agora tem gente que comete crime...') em vez de provocação ou antagonismo nomeado; Clichê do gênero: estrutura de debate político padrão (um fala, outro refuta) sem diferenciação visual ou verbal nos primeiros 3s; Postergação de informação impactante: o ataque nominal ('rei do camarote') e a simbologia de classe (camarote vs. povo) só aparecem aos 52s, criando risco de evasão imediata; Abertura desconectada do restante: a refutação e a preparação emocional (dor → alívio) começam aos 24,4s, 20s depois da abertura; a abertura não trabalha a favor da mensagem, apenas a anuncia

Evidências:

- [0:00] "Agora tem gente que comete crime, pobre e rico também." — Abertura neutra e explicativa que não viola expectativa; espectador em scroll não identifica diferença em relação a conteúdo político padrão
- [0:05] "[teste dos 5 segundos: nenhuma informação sobre quem é atacado, qual é a proposta ou por que parar]" — Falha no teste de clareza imediata; informação mais impactante (ataque a Renan Filho como 'rei do camarote') postergada para 52s
- [0:26] "Renanzinho, olha só, pobre não precisa de humilhação, precisa de oportunidade, quer andar com as próprias pernas." — Primeira interpelação direta ao espectador (via nome do adversário) e primeira ativação emocional (indignação + esperança); marca o ponto onde a peça ganha tração, 20s após abertura
- [0:52] "Renanzinho, você virou um verdadeiro rei do camarote." — Ataque nominal direto e metáfora de classe que estrutura toda a narrativa (elite vs. povo); deveria estar na abertura para preparar expectativa
- [1:02] "[JHC em feira, periferia, zona rural, ônibus, interagindo com populares, sorridente, agachado]" — Simbologia visual de proximidade com povo que resolve a promessa implícita da refutação; mas essa promessa não foi sinalizada na abertura

Sugestão: Reestruturar a abertura para começar com JHC (não Renan Filho) aos 0s, dizendo 'Renanzinho virou rei do camarote' ou 'Pobre não precisa de humilhação, precisa de oportunidade' (ambas aos 52,1s e 26,4s respectivamente), seguidas imediatamente pela simbologia de contraste visual (evento milionário vs. prato vazio/cactos). Isso viola expectativa, nomeia o inimigo cedo, ativa indignação + esperança nos primeiros 3s, e prepara o espectador para a sequência de refutação que segue. Alternativa: abrir com a imagem de Renan Filho em evento com plateia levantando celulares (55,56–60,2s) com áudio de JHC refutando, criando antagonismo visual imediato sem necessidade de explicação.

N10 — Mensagem & Proposta — nota 5/10

A peça constrói uma narrativa de antagonismo de classe que funciona bem para a base declarada (eleitores de baixa renda em Alagoas), mas falha gravemente em formular uma mensagem central única e replicável. O que existe é uma denúncia estruturada em falsa dicotomia — elite/camarote versus povo/periferia — sem uma promessa clara que o espectador consiga repetir no bar. A frase-síntese que deveria ancorar tudo ('pobre não precisa de humilhação, precisa de oportunidade') aparece aos 26s, é refutação de um estereótipo anterior, mas nunca retorna como promessa positiva

do candidato JHC. Em seu lugar, o que se repete é a crítica: 'rei do camarote' (52s), 'eventos milionários' (57s), 'deixa o pobre de fora' (61s). A proposta de JHC permanece invisível — não há o quê, como, nem com que recursos ele fará diferente. A legenda ('É por isso que a mudança está chegando em Alagoas! ') é um CTA implícito de voto, mas sem lastro na peça. O vídeo funciona como arma de ataque (objetivo declarado), mobilizando indignação e identidade de grupo entre eleitores pobres, mas não como ferramenta de persuasão ou governo. A sequência visual reforça isso: Renan Filho em palco com banner (elite), depois JHC em feiras, periferia, ônibus (povo). Essa justaposição é potente para reafirmar pertencimento, mas não oferece razão racional para votar em JHC além de 'ele está com a gente e o outro não'. O teste do bar falha: o espectador sai com 'Renan é elitista' e 'JHC está com o povo', mas não consegue dizer o que JHC vai fazer por educação, saúde, segurança ou emprego — promessas que ele próprio enumera na boca de JHC (38s), mas sem mecanismo, prazo ou diferencial. A repetição estratégica existe, mas está mal alocada: a frase sobre pobreza e computador (6.7–15.3s) é repetida idêntica aos 19.5–23.9s, reforçando um estereótipo que JHC depois refuta. Isso cria confusão narrativa — o espectador não sabe se está sendo convencido de que pobres não sabem mexer em computador ou se isso é uma crítica ao Renan. A ancoragem na dor é real e nomeada (pobreza de Alagoas, exclusão social, falta de oportunidade), mas a solução fica no nível de identidade ('JHC é como você') sem traduzir-se em programa. Para a base declarada, isso é suficiente para mobilizar voto de protesto; para persuadir indecisos ou classe média, a peça é frágil. A penalidade maior é a dispersão temática: crime e pobreza (0–6s), capacidade técnica do pobre (6–24s), direitos sociais (26–38s), corrupção da elite (38–51s), elitismo de Renan (52–61s), proximidade de JHC com povo (62–71s). Cada bloco é uma proposição diferente, e nenhuma delas é a mensagem central. Se a peça tivesse uma frase-síntese como 'Alagoas precisa de um governante que anda nas ruas, não nos camarotes — e JHC é esse governante', repetida aos 26s, 52s e 71s, com exemplos concretos de ação (não apenas presença), a nota subiria 2 pontos. Atualmente, a peça é arma de campanha negativa bem executada, não mensagem de governo.

Dimensões: D1: 2/5 · D2: 4/5 · D3: 1/5 · D4: 2/5 · D5: 2/5

Penalidades: Dispersão temática: 6 temas distintos (crime, capacidade técnica, direitos, corrupção, elitismo, proximidade) competem pela peça; nenhum é reforçado como central.; Promessa fora do escopo: JHC enumera 'educação, saúde, segurança, computador, celular' (38s) como direitos que o povo 'merece', mas não diz como ele, como candidato, os entregará.; Denúncia sem proposta: 70% da peça é crítica a Renan Filho e à elite; apenas 30% é sobre JHC, e desses 30%, nenhum é promessa executável.; Teste do incumbente violado parcialmente: JHC foi prefeito de Maceió; a peça não explica por que não implementou essas políticas antes ou o que mudará agora.; Repetição mal alocada: a frase sobre pobreza e computador (15.3s) é repetida (23.9s) para reforçar estereótipo que JHC depois refuta, criando ruído narrativo.

Evidências:

- [0:26] "pobre não precisa de humilhação, precisa de oportunidade, quer andar com as próprias pernas." — Única frase que poderia ser frase-síntese de promessa; aparece uma única vez, nunca retorna, não é atribuída a ação de JHC.

- [0:31] "Precisa de educação, saúde, segurança e merece sim, ter computador, celular." — Enumeração de direitos como ganho futuro, mas sem mecanismo, prazo ou diferencial de JHC; é promessa genérica, não proposta.
- [0:52] "Renanzinho, você virou um verdadeiro rei do camarote." — Ataque nominal que reforça dicotomia elite/povo, mas não oferece razão racional para votar em JHC além de pertencimento.
- [1:02] "JHC interagindo em feira, periferia, zona rural, ônibus (cenas 13–17)." — Prova social de proximidade com povo; reforça identidade, mas não oferece evidência de competência ou programa.
- [1:07] "Alagoas está vendo, tá de olho e vai dar a resposta." — CTA implícito de voto; 'vai dar a resposta' é promessa de mudança futura, mas sem especificação do que mudará.
- [0:06] "O bandido que rouba um computador, se eu lhe der a minha opinião, não é o pobre. Pobre não sabe nem mexer em computador, muito menos onde vai vender e quanto vale aquilo." — Redução ao ridículo que nega capacidade técnica do pobre; repetida aos 19.5s; depois refutada por JHC, criando confusão sobre qual é a posição central.

Sugestão: Reformule a peça em torno de UMA frase-síntese: 'Alagoas precisa de um governante que anda nas ruas, não nos camarotes — JHC é esse governante'. Repita essa frase aos 26s (substituindo a refutação genérica), aos 52s (após o ataque a Renan) e aos 71s (como fechamento). Substitua 40% da crítica a Renan por 2–3 exemplos concretos de ação de JHC como prefeito (obra, programa social, resultado mensurável) ou promessa específica para governador (ex.: 'Vou levar internet de banda larga para 100 escolas rurais em 12 meses'). Isso mantém a mobilização emocional da base, mas adiciona munição racional para o espectador repetir a mensagem e para persuadir indecisos.

N2 — Arquitetura Narrativa — nota 6/10

Este conteúdo opera uma narrativa de ataque político que inverte papéis: começa com Renan Filho (locutor_1) fazendo uma afirmação sobre crime e pobreza, e JHC (locutor_2) a refuta não apenas com argumentos, mas com uma performance de proximidade com o povo. A fórmula narrativa é conflito → resolução, mas truncada: o conflito é nomeado (elite vs. povo, Calheiros vs. mudança), a resolução é apenas sinalizada visualmente (JHC em feiras, periferias, ônibus), nunca explicitada como ação concreta. O público-alvo é a base eleitoral de JHC em Alagoas — eleitores de baixa renda, periféricos, rurais — e para esse público, a estrutura funciona porque oferece identidade (você é o povo que merece respeito) e vilão nomeado (elite que olha de cima). Porém, a narrativa falha em completude: não há desejo único do público articulado, apenas negação do que não quer (humilhação, exclusão). O papel do emissor é ambíguo — JHC começa como guia (empatia: 'pobre não precisa de humilhação'), mas termina como herói de si mesmo (imagens dele interagindo, agachado, sorridente, enquanto Renan fica no palco). O vilão é duplo e difuso: Renan Filho (pessoal, 'rei do camarote') e os Calheiros (sistêmico, 'muito tempo no poder'), o que enfraquece a causa-raiz. A transformação prometida ('mudança está chegando') é vaga — não diz o quê, apenas que 'Alagoas vai dar a resposta', delegando ao eleitor a conclusão. Visualmente, há coerência forte: preto-e-branco para pobreza (seco, árido), cores quentes para JHC (proximidade), cores frias para Renan (distância). Mas narrativamente, a peça é circular: começa com 'pobre não comete crime

sofisticado' (redução ao ridículo), passa por 'pobre merece oportunidade' (refutação), e termina com 'JHC está com o povo' (solução precarregada), sem nunca oferecer plano concreto. O gatilho dominante é indignação (5 ocorrências, 60% com lastro real) seguido por escolha binária (elite vs. povo, sem nuances). A fala contínua máxima é 20.1 segundos (bloco de JHC dos 24s aos 41s), causando fadiga cognitiva. Não há CTA direto — a legenda 'É por isso que a mudança está chegando' é promessa, não pedido. Para o público-alvo declarado (base de JHC), isso é suficiente: a peça reforça pertencimento e oferece munição discursiva ('pobre merece respeito', 'elite nos camarotes'). Mas para persuasão de indecisos ou refutação de críticos, a peça é frágil: estereotipa pobre (não sabe mexer em computador), generaliza elite (todos roubam), e não oferece alternativa além de 'vota em mim porque estou aqui'.

Dimensões: D1: 3/5 · D2: 3/5 · D3: 3/5 · D4: 2/5 · D5: 4/5

Penalidades: Múltiplos desejos sem eixo: público quer 'respeito' (genérico), 'oportunidade' (vago), 'mudança' (não especificada) — não há um desejo único que organize a ação; Vilão difuso: Renan Filho (pessoal, 'camarote') e Calheiros (sistêmico, 'pobreza') não compartilham causa-raiz clara; parecem antagonistas separados; Final sem resolução: termina com promessa ('vai dar a resposta') delegada ao eleitor, não com visão de futuro específica; Narrativa parcialmente circular: começa com estereótipo (pobre não sabe computador), refuta com dignidade (merece oportunidade), mas não avança — apenas inverte a acusação para elite ('ladrão rico'); Autocelebração competindo com público: imagens de JHC interagindo (17 segundos dos últimos 25) roubam protagonismo do povo que deveria ser herói

Evidências:

- [0:06] "O bandido que rouba um computador, se eu lhe der a minha opinião, não é o pobre. Pobre não sabe nem mexer em computador, muito menos onde vai vender e quanto vale aquilo." — Abertura de Renan Filho que JHC refuta; usa redução ao ridículo (estereótipo de incapacidade) como âncora lógica — frágil porque generaliza
- [0:26] "pobre não precisa de humilhação, precisa de oportunidade, quer andar com as próprias pernas." — Refutação direta que nomeia a humilhação anterior; oferece identidade aspiracional ('andar com as próprias pernas') mas não ação concreta
- [0:38] "Depois de muito tempo dos Calheiros no poder, Alagoas ainda é um dos estados mais pobres do Brasil." — Vilão nomeado (Calheiros) com acusação (pobreza persistente); sem dados específicos, funciona por prova social (plateia assente) não por evidência
- [0:52] "Renanzinho, você virou um verdadeiro rei do camarote." — Ataque nominal direto; metáfora de elitismo ('camarote') que pré-carrega solução: JHC não está no camarote, está nas ruas
- [1:02] "JHC interagindo em feira, periferia, zona rural, ônibus — 17 segundos de imagens com JHC sorridente, agachado, conversando" — Prova social visual de proximidade; mas desloca herói do povo para JHC, violando a estrutura de público-herói + emissor-guia
- [1:07] "Alagoas está vendo, tá de olho e vai dar a resposta." — CTA implícito (voto) sem especificação; promessa vaga que delega decisão ao eleitor em vez de oferecer plano

Sugestão: Para fortalecer a narrativa sem perder a base: (1) Nomear UM desejo único do público ('Alagoas quer trabalho digno em Maceió e no interior') e articulá-lo como transformação clara ('de desemprego para renda'); (2) Unificar o vilão em causa-raiz ('20 anos de gestão que priorizou elite em eventos, não povo nas ruas') em vez de dois antagonistas; (3) Reduzir imagens de JHC de 17s para 8s e ampliar testemunhos do povo falando (mulher na feira, passageiro no ônibus) — isso move JHC de herói para guia que escuta, e o povo vira herói da própria história.

N3 — Retenção & Ritmo — nota 6/10

O vídeo constrói retenção através de uma dinâmica de confronto direto e refutação, mas falha em sustentar a atenção até o final por falta de renovação de estímulo e ausência de payoff claro. A estrutura segue um padrão de ataque-defesa-evidência que funciona bem nos primeiros 40 segundos, mas depois se desintegra em repetição visual sem ancoragem narrativa forte.

Nos primeiros 16 segundos, Renan Filho estabelece uma tese provocadora ('pobre não sabe mexer em computador'), que imediatamente dispara indignação no espectador alinhado com JHC. Essa abertura é eficaz porque cria uma tensão aberta: a afirmação é absurda o bastante para gerar rejeição, mas concreta o suficiente para ser visualizável. O texto em tela (amarelo, caixa alta) reforça fragmentos-chave ('e rico', 'o pobre', 'nem'), criando ritmo de corte que mantém o olho ativo. Aqui, a atenção sobe porque há uma promessa implícita: alguém vai refutar isso.

Essa promessa é parcialmente entregue entre 24 e 41 segundos, quando JHC responde com indignação moral ('pobre não precisa de humilhação, precisa de oportunidade'). A linguagem corporal de JHC (olho na câmera, sorriso irônico) e o ambiente doméstico (fundo de madeira) criam proximidade que contrasta com o palco formal de Renan Filho. Há aqui um contraste de cenários que estrutura o 'por que continuar': o espectador está sendo convidado a escolher entre dois mundos. A enumeração de direitos ('educação, saúde, segurança... computador, celular') funciona como construção de esperança, e o ataque nomeado aos Calheiros ('depois de muito tempo... Alagoas ainda é um dos estados mais pobres') fornece um inimigo concreto.

Mas entre 41 e 44 segundos, o ritmo sofre uma queda crítica. O vídeo insere b-roll em preto e branco (prato vazio, cactos, rochas secas) que, embora simbolicamente alinhado com a mensagem de pobreza, não renova o estímulo porque não há fala sincronizada — apenas trilha sonora melancólica. Essa pausa de 3 segundos sem ancoragem verbal é um vale de atenção. O espectador já recebeu a refutação; agora está vendo imagens que ilustram o que já foi dito. Não há nova informação, novo gatilho, novo conflito.

Entre 44 e 55 segundos, JHC retorna com concordância parcial ('tem muito ladrão rico que engordou'), que deveria renovar a tensão, mas em vez disso achata o discurso. A frase 'você virou um verdadeiro rei do camarote' é memorável e citável, mas chega tarde demais no arco narrativo para funcionar como pivô. O ataque pessoal já foi feito; agora é apenas reiteração com metáfora. A justaposição visual (plateia com celulares em evento vs. fala sobre elite) é forte, mas dura apenas 5 segundos e não se integra a um loop maior.

O terceiro terço (55–71 segundos) é onde a evasão é mais provável. O vídeo muda para modo 'campanha positiva': JHC em feiras, periferia, ônibus, interagindo com populares. Essa sequência é visualmente coerente e emocionalmente alinhada com a narrativa de proximidade, mas narrativamente é redundante. Já foi estabelecido que JHC está com o povo e Renan Filho está no camarote. Agora o vídeo apenas ilustra o que já foi dito, sem abrir novos loops ou criar novas apostas. A câmera em movimento e a diversidade de cenários (feira, rua, casa rural, ônibus) renovam o estímulo visual, mas não o narrativo. O espectador já sabe o final: JHC é o candidato do povo. Não há suspense, não há revelação, não há payoff que justifique ter assistido até aqui.

A frase final ('Alagoas está vendo, tá de olho e vai dar a resposta') é uma promessa de mudança, mas é vaga demais para funcionar como fechamento. 'Vai dar a resposta' é um CTA implícito (voto), mas não há clareza sobre o que está sendo pedido ou por quê, além da indignação já ativada. Não há síntese que consolide o argumento. O emoji de foguete na legenda ('É por isso que a mudança está chegando em Alagoas! 🚀') tenta injetar urgência, mas chega apenas no texto, não na imagem ou na fala.

O mecanismo de retenção mais forte é a sequência dor-alívio (0–41s): Renan Filho humilha o pobre → JHC defende o pobre. Mas esse loop fecha cedo demais. O que vem depois (b-roll de pobreza, ataque ao camarote, campanha positiva) não abre novos loops; apenas expande o que já foi fechado. Há 22 gatilhos emocionais mapeados, mas a maioria (indignação, esperança, inimigo nomeado) está concentrada nos primeiros 45 segundos. Depois disso, o conteúdo entra em modo repetitivo: a mesma ideia (JHC está com o povo, Renan Filho está com a elite) é reiterada em três formatos diferentes (fala de ataque, b-roll de pobreza, campanha positiva) sem adicionar complexidade ou tensão nova.

Para o público-alvo declarado (base eleitoral de JHC em Alagoas, espectadores já alinhados ideologicamente), essa repetição pode funcionar como reforço de pertencimento e munção para compartilhamento. Mas do ponto de vista de retenção pura — a capacidade de manter o olho e o interesse até o final — o vídeo perde força no meio e não a recupera. A evasão é mais provável entre 41 e 55 segundos (vale de estímulo narrativo) e entre 55 e 71 segundos (redundância sem payoff). O público-alvo pode tolerar isso porque já está convencido; um público persuasível (indecisos, eleitores de Renan Filho) provavelmente abandona antes dos 50 segundos.

Uma reestruturação prioritária seria: (1) eliminar ou comprimir o b-roll em preto e branco (41–44s) e substituir por uma pergunta retórica de JHC que abra um novo conflito ('Mas sabe o que mais dói? Ele sabe disso tudo e continua fingindo que não sabe'); (2) transformar a sequência de campanha positiva (55–71s) em um contraste visual mais dinâmico — não apenas JHC em locais populares, mas JHC em locais populares fazendo algo concreto (ouvindo, anotando, promessas específicas) que crie uma nova tensão: 'o que JHC vai fazer diferente?'; (3) fechar com um payoff claro na fala final, não apenas na legenda — algo como 'Alagoas merece um governador que anda nas ruas, não nos camarotes. E no dia 2 de outubro, a gente prova isso' (data fictícia, mas exemplifica especificidade).

Dimensões: D5_memorabilidade: 3.5/5 · D1_tensao_continua: 3.5/5 · D4_contraste_apostas: 4/5 · D2_renovacao_estimulo: 2.5/5 · D3_concretude_imagética: 4/5

Penalidades: Meio do conteúdo vira ilustração em bloco (41–44s: b-roll sem fala sincronizada; 55–71s: campanha positiva que repete tese já fechada); Promessa aberta no início ('Renanzinho fez isso mesmo?') não é entregue com payoff claro — refutação ocorre cedo, depois apenas reiteração; Repetição circular: a ideia 'JHC com povo / Renan Filho com elite' é dita em fala (24–41s), mostrada em b-roll (41–44s), atacada verbalmente (52–61s) e ilustrada em campanha (62–71s) — 4 formatos, mesma tese, sem novidade; Frase final sem síntese nem aterrissagem clara — 'vai dar a resposta' é vago; CTA implícito (voto) não é nomeado

Evidências:

- [0:06] "O bandido que rouba um computador, se eu lhe der a minha opinião, não é o pobre. Pobre não sabe nem mexer em computador, muito menos onde vai vender e quanto vale aquilo." — Abertura que cria tensão aberta e visualizável; dispara indignação no público-alvo porque é absurda o bastante para gerar rejeição imediata
- [0:26] "pobre não precisa de humilhação, precisa de oportunidade, quer andar com as próprias pernas." — Refutação que entrega a promessa implícita dos primeiros 16s; cria contraste de cenários (palco formal vs. ambiente doméstico) e ativa esperança moral
- [0:41] "[b-roll em preto e branco: prato vazio, cactos, rochas secas, sem fala sincronizada, apenas trilha melancólica]" — Vale crítico de atenção: ilustração sem ancoragem verbal; não renova estímulo porque repete visualmente o que já foi dito verbalmente
- [0:52] "Renanzinho, você virou um verdadeiro rei do camarote." — Frase memorável e citável, mas chega tarde no arco narrativo; ataque pessoal já foi feito, agora é reiteração com metáfora
- [1:02] "[JHC em feira, periferia, ônibus, interagindo com populares; câmera em movimento, diversidade de cenários]" — Renovação visual (cortes, movimento de câmera) mas redundância narrativa; ilustra tese já fechada sem abrir novos loops ou criar novas apostas
- [1:07] "Alagoas está vendo, tá de olho e vai dar a resposta." — Promessa de mudança vaga; CTA implícito (voto) não é nomeado; falta síntese que consolide o argumento e feche o arco com payoff claro

Sugestão: Comprimir ou eliminar o b-roll em preto e branco (41–44s) e substituir por uma pergunta retórica de JHC que abra um novo conflito narrativo. Transformar a sequência de campanha positiva (55–71s) em contraste visual dinâmico: não apenas JHC em locais populares, mas JHC fazendo algo concreto (ouvindo, anotando, promessas específicas) que crie tensão nova ('o que JHC vai fazer diferente?'). Fechar com payoff claro na fala final, não apenas na legenda — nomear o CTA (voto) e fornecer data ou ação concreta que consolide a mudança prometida.

N4 — Emoção & Cérebro Primitivo — nota 7/10

O vídeo funciona como máquina de indignação calibrada para base eleitoral já sensibilizada. A estrutura emocional segue padrão clássico de ataque político: abertura com estereótipo hostil (Renan Filho reduz pobreza a incapacidade técnica), refutação moral que nomeia a humilhação ("pobre não precisa de humilhação"), construção de antagonismo visual (elite no camarote vs. povo na rua), e fechamento com promessa implícita de mudança. A curva emocional é ascendente:

indignação leve no início (0–6s), pico de raiva quando Renan fala sobre pobreza (6–15s), alívio moral quando JHC refuta (24–38s), raiva novamente com acusação de elitismo (52–61s), e esperança no final com JHC em campo (62–71s). Não há variação para baixo — apenas oscilação entre raiva e esperança, sem neutralidade que permitisse reflexão.

O mecanismo de medo está presente mas incompleto. A ameaça é nomeada ("Alagoas ainda é um dos estados mais pobres do Brasil", 38–44s) e atribuída a inimigo específico (família Calheiros), mas a via de ação permanece implícita — o vídeo nunca diz "vote em JHC" ou "compareça em tal lugar". A legenda pós-vídeo ("É por isso que a mudança está chegando") funciona como CTA retroativo, mas fraco. Para público já mobilizado, essa omissão não importa (sabem o que fazer); para indecisos, é lacuna crítica.

A concretude é forte na segunda metade. Enquanto Renan fala em abstrações ("crime", "partidos ricos"), JHC materializa o povo: feiras com frutas, mulheres em periferias, ônibus lotado, plantação. O contraste visual é decisório — não oferece nuance, oferece dicotomia: camarote ou chão. Isso ativa o decisor instintivo rapidamente, mas bloqueia deliberação. A linguagem corporal de JHC (agachado, sorriso, camiseta branca) constrói ancoragem somática: "este homem é como você", enquanto Renan permanece em palco, distante, gesticulando.

A memorabilidade é forte no início e fim. "Agora" (0s) é abertura abrupta que captura atenção. "Alagoas está vendo, tá de olho e vai dar a resposta" (67–71s) é fechamento que transfere agência para o eleitor ("Alagoas vai responder"), reforçado pelo emoji de foguete na legenda — movimento, mudança, futuro. O meio, porém, é repetitivo: a frase sobre pobreza não saber mexer em computador é dita duas vezes (6–15s e 19–23s), o que reforça mas também cansa.

O direcionamento pessoal é moderado. Há pouco "você" direto — o vídeo fala mais sobre "pobre", "elite", "povo" como categorias. Isso funciona para base que se identifica com essas categorias, mas não cria intimidade. A pergunta "Renanzinho, olha só" (24s) é apelo nominal ao adversário, não ao espectador. Comparado a peças que dizem "você merece", este diz "o povo merece", o que é menos ativador de reação corporal pessoal.

O contraste decisório é cristalino: Renan humilha pobre / JHC respeita pobre. Renan está no camarote / JHC está na rua. Renan governa há muito e Alagoas é pobre / JHC promete mudança. Essa oposição elimina espaço para terceira via — funciona bem para mobilizar base, funciona mal para persuadir indecisos que buscam nuance.

Penalidades aplicáveis: (1) Nenhum CTA explícito — o vídeo não pede ação concreta, apenas ativa emoção. Para Instagram, onde a ação é compartilhamento ou comentário, isso é parcialmente mitigado (o próprio vídeo é ação de ataque), mas reduz conversão de engajamento em voto. (2) Linguagem de escolha binária sem "porque" — o vídeo não explica por que JHC seria melhor, apenas que é diferente. (3) Medo sem via de ação calibrada — a ameaça (pobreza persistente) não vem com plano específico, apenas com promessa vaga de "mudança".

Para público-alvo declarado (base eleitoral de JHC em Alagoas, já sensibilizada contra Renan Filho), o vídeo é altamente eficaz: mobiliza, fornece munição retórica ("rei do camarote"), reforça

pertencimento ("nós, o povo"). Para indecisos ou eleitores de Renan, é repulsivo — a redução ao ridículo (pobre não sabe mexer em computador) é percebida como condescendência, e a dicotomia falsa (camarote vs. chão) bloqueia diálogo. A peça não busca persuadir; busca mobilizar e polarizar.

Sugestão de reestruturação para aumentar alcance sem perder mobilização: (1) Substituir a repetição da frase sobre computador por um dado específico (ex.: "Alagoas tem 40% de pobreza extrema, a maior do Nordeste") — mantém raiva mas adiciona lastro. (2) Inserir CTA explícito no minuto 1 ("Compartilhe se você também quer respeito") — transforma emoção em ação imediata. (3) Adicionar 3–5 segundos de JHC falando diretamente para câmera com promessa concreta (ex.: "Vou trazer educação para a periferia") — fecha o loop medo → ação e personaliza o direcionamento.

Dimensões: D1: 4.5/5 · D2: 2.5/5 · D3: 4/5 · D4: 3/5 · D5: 4.5/5 · D6: 4/5

Penalidades: Medo sem via de ação calibrada: ameaça (pobreza persistente) nomeada mas solução apenas implícita; -0,5; CTA ausente ou extremamente fraco: nenhum pedido explícito de ação (voto, compartilhamento, presença); -0,5; Escolha binária sem justificativa: dicotomia elite/povo não vem acompanhada de plano específico de JHC; -0,5

Evidências:

- [0:06] "O bandido que rouba um computador, se eu lhe der a minha opinião, não é o pobre. Pobre não sabe nem mexer em computador, muito menos onde vai vender e quanto vale aquilo." — Abertura que ativa indignação via estereótipo hostil; redução ao ridículo que prepara refutação moral posterior. Intensidade moderada (2/5) porque lastro é retórico, não factual.
- [0:26] "pobre não precisa de humilhação, precisa de oportunidade, quer andar com as próprias pernas." — Pico de indignação moral (3/5): nomeia explicitamente a humilhação anterior como dispositivo e reafirma dignidade. Ativa reação corporal de validação em base já sensibilizada.
- [0:52] "Renanzinho, você virou um verdadeiro rei do camarote. Olha o povo de cima, reúne a elite nos seus eventos milionários e deixa o pobre de fora." — Metáfora estruturante que constrói antagonismo visual: camarote (elite, distância, exclusão) vs. chão (povo, proximidade, inclusão). Intensidade 3/5. Facilita decisão rápida via contraste dicotômico.
- [1:02] "JHC interagindo em feira, periferia, zona rural, ônibus — agachado, sorridente, camiseta branca." — Ancoragem somática: linguagem corporal de proximidade (agachado, sorriso) e vestuário casual sinalizam 'sou como você'. Constrói identificação instintiva. Contrasta com Renan em palco (distante, gesticulando).
- [0:38] "Depois de muito tempo dos Calheiros no poder, Alagoas ainda é um dos estados mais pobres do Brasil." — Ameaça nomeada (pobreza persistente) + inimigo específico (Calheiros). Ativa medo, mas sem via de ação explícita — solução apenas implícita (votar em JHC). Lastro não verificável ("um dos estados mais pobres").
- [1:07] "Alagoas está vendo, tá de olho e vai dar a resposta." — Fechamento que transfere agência para eleitor ("Alagoas vai responder"). Esperança moderada (2/5) porque promessa é vaga. Reforçado por emoji de foguete na legenda (movimento, mudança).
- [0:19] "Pobre não sabe nem mexer em computador, muito menos onde vai vender e quanto vale aquilo. [repetição idêntica]" — Redundância que reforça estereótipo por repetição, não

por argumento novo. Cansa sem adicionar lastro. Indica falta de material concreto para sustentar ataque.

Sugestão: Substituir a repetição da frase sobre computador (19–23s) por dado específico verificável (ex.: "Alagoas tem 40% de pobreza extrema, a maior do Nordeste") para manter raiva mas adicionar lastro. Inserir CTA explícito no minuto 1 ("Compartilhe se você também quer respeito") para converter emoção em ação imediata. Adicionar 3–5 segundos de JHC falando diretamente para câmera com promessa concreta (ex.: "Vou trazer educação para a periferia") para fechar o loop medo → ação e personalizar direcionamento.

N5 — Gatilhos & Integridade Persuasiva — nota 7/10

Este conteúdo opera um sistema persuasivo altamente estruturado em torno de uma dicotomia visual e narrativa: elite versus povo. O mecanismo dominante não é a construção gradual de credibilidade, mas a ativação simultânea de indignação e identificação, seguida de uma solução pré-carregada na metáfora. A sequência revela uma arquitetura que inverte a ordem clássica de persuasão — em vez de estabelecer credibilidade do emissor antes de apelar à emoção, a peça começa com a voz do adversário (Renan Filho) fazendo uma afirmação estereotipada sobre pobreza (0.9–3.9s: 'Agora tem gente que comete crime, pobre e rico também'), que é imediatamente refutada e ridicularizada (6.7–15.3s: 'Pobre não sabe nem mexer em computador'). Essa refutação é repetida verbatim (19.5–23.9s), um gatilho de redundância que reforça o estereótipo por fadiga cognitiva, não por lógica. A repetição não serve ao argumento racional; serve à fixação emocional da humilhação que será depois nomeada como injustiça.

O ponto de virada ocorre em 24.4–31.3s, quando o locutor_2 (JHC) nomeia explicitamente o dispositivo anterior ('pobre não precisa de humilhação') e oferece uma refutação moral: 'precisa de oportunidade, quer andar com as próprias pernas'. Este é o primeiro gatilho de esperança-ganho lastreado em realidade (apelo à dignidade humana verificável). Segue-se uma enumeração de direitos (31.8–38.3s: 'educação, saúde, segurança e merece sim, ter computador, celular'), que funciona como micro-compromisso: o espectador concorda com cada item antes de ser pedido o voto. A dose de esperança é moderada e credível porque não promete solução mágica, apenas direitos básicos.

O sistema então pivota para o medo com saída (38.7–44.5s): 'Depois de muito tempo dos Calheiros no poder, Alagoas ainda é um dos estados mais pobres do Brasil.' Este gatilho é crítico porque nomeia um inimigo específico (Calheiros, família política local) e alega uma condição (pobreza persistente) sem dado quantificado — o lastro é 'não verificável' conforme o inventário. Contudo, para o público-alvo declarado (eleitorado de Alagoas), a alegação é culturalmente verificável: a família Calheiros é figura pública local com histórico político documentado. A peça não falsifica aqui; domestica a alegação ao conhecimento local do público-alvo. Isto é integridade contextual, não fraude.

O empilhamento visual-narrativo intensifica-se em 52.1–61.9s. O ataque nominal ('Renanzinho, você virou um verdadeiro rei do camarote') é acompanhado por justaposição de imagens: plateia com celulares levantados em evento (55.56–60.2s), que funciona como prova social negativa — não

'muitos apoiam você', mas 'muitos celebram a elite enquanto o povo fica de fora'. A metáfora estruturante (camarote/elite vs. chão/povo) pré-carrega a solução: JHC está com o povo, não no camarote. Esta solução não é explicitada; é deixada para ser inferida pelo espectador, o que aumenta o senso de descoberta pessoal e reduz a percepção de manipulação.

O fechamento visual (62.0–68.5s) é onde a persuasão invisível atinge seu pico. JHC aparece em camiseta branca, agachado, sorridente, conversando com mulheres em feiras, periferias, zona rural e ônibus. A linguagem corporal de proximidade (agachado, não de pé; sorriso genuíno, não performático) sinaliza 'sou como você' sem dizer. O cenário de pobreza anterior (41.0–44.46s: prato vazio, cactos, rochas secas em preto e branco) é agora recontextualizado não como acusação, mas como território onde JHC está presente. A geografia persuasiva funciona: o povo não é abstração, é lugar onde o candidato caminha. Este é um gatilho de identificação de alta intensidade (3) e lastro real (imagens verificáveis).

O CTA final (67.8–71s: 'Alagoas está vendo, tá de olho e vai dar a resposta') é implícito, não direto. 'Vai dar a resposta' é eufemismo para 'vai votar'. A legenda reforça ('É por isso que a mudança está chegando em Alagoas! 🚀'), mas o emoji de foguete e a palavra 'mudança' são retóricos, não específicos. Não há promessa quantificada, não há data, não há programa. A vaguidade é intencional: permite que cada espectador projete sua esperança particular.

A proporção entre gatilhos lastreados e falsificados é mista. Gatilhos com lastro real: indignação refutando estereótipo (26.4–31.3s), enumeração de direitos (31.8–38.3s), geografia persuasiva (62.0–68.5s), similaridade corporal (62.0–68.5s), território simbólico (62.3–67.2s). Gatilhos com lastro retórico ou não verificável: generalização sobre partidos ricos (4.1–6.3s), redução ao ridículo sobre pobreza e computadores (6.7–15.3s), alegação sobre Calheiros sem dado (38.7–44.5s), norma majoritária sobre ladrões ricos (45.0–51.7s), escolha binária elite vs. povo (0–71s), metáfora estruturante (52.1–61.9s). A proporção é aproximadamente 5 lastreados : 6 retóricos. Isto não é fraude, é retórica política padrão — mas reduz a credibilidade geral da peça em contexto de persuasão ampla. Para público-alvo declarado (eleitorado local alinhado), a mistura é aceitável porque os gatilhos retóricos servem à mobilização emocional, não à conversão racional.

A saturação é moderada. Não há cutucão exagerado; a peça respira. Os 22 gatilhos em 17 categorias estão distribuídos ao longo de 71 segundos, com variação de ritmo (5.09 cortes/min, dentro da faixa). O bloco de fala contínua mais longo é 20.1s (24.0–44.0s), que causa fadiga, mas é compensado por cortes visuais (b-roll de pobreza, depois de proximidade com povo). A persuasão é sentida, mas não explícita demais — o espectador não percebe estar sendo manipulado porque a manipulação é distribuída entre voz, imagem, metáfora e silêncio.

O que falta: um gatilho de prova social positiva (testemunho de beneficiário, endosso de figura local confiável, estatística de apoio). A peça usa prova social negativa (plateia do adversário) e prova social implícita (multidão de pessoas que JHC cumprimenta), mas não traz voz de terceiro que diga 'JHC fez X por mim'. Isto deixa a promessa orfã de validação externa. Se a peça incluísse um breve depoimento de morador de periferia ou comerciante de feira dizendo 'JHC ajudou meu negócio' ou similar, o sistema se fecharia com mais força.

A integridade geral é moderada-alta para o contexto declarado. A peça não falsifica dados críticos; domestica alegações ao conhecimento local. Não desumaniza o adversário (Renan Filho é criticado por conduta — 'rei do camarote' — não por essência). Não usa escassez artificial ou urgência retórica sem lastro. O risco maior é a falsa dicotomia (elite vs. povo), que reduz a realidade política a dois campos irreconciliáveis, eliminando nuances. Mas isto é escolha estratégica, não fraude — e funciona bem para mobilização de base.

Para o objetivo declarado (atacar), a peça é competente. Não busca persuadir indecisos; busca mobilizar a base e fornecer munição narrativa (o povo merece respeito, o adversário está no camarote). O público-alvo é eleitorado popular de Alagoas, potencialmente alinhado com JHC. Para este público, os códigos funcionam: linguagem coloquial, referências locais (Calheiros, Renan Filho), cenários reconhecíveis (feira, periferia, ônibus), apelo à dignidade. A peça não tenta ser universal; é deliberadamente particularista. Isto é força, não fraqueza, dado o contexto.

Dimensões: D1: 4.5/5 · D2: 4/5 · D3: 6/5 · D4: 4/5 · D5: 3.5/5

Penalidades: -0,5: falsa dicotomia (elite vs. povo) em posição estruturante (0–71s), reduz nuances políticas; -0,5: alegação sobre Calheiros sem dado quantificado (38.7–44.5s), embora culturalmente verificável para público local; -0,5: CTA implícito e vago ('vai dar a resposta'), não colhe explicitamente o que os gatilhos plantaram

Evidências:

- [0:26] "pobre não precisa de humilhação, precisa de oportunidade, quer andar com as próprias pernas." — Refutação moral que nomeia o dispositivo anterior (estereótipo) e oferece esperança lastreada em dignidade humana verificável; marca transição de ataque para proposta.
- [0:52] "Renanzinho, você virou um verdadeiro rei do camarote." — Ataque nominal ao adversário por conduta (elitismo), não por essência; acompanhado de justaposição visual (plateia com celulares) que funciona como prova social negativa.
- [1:02] "JHC em camiseta branca, sorridente, agachado, conversando com mulheres e passageiros" — Linguagem corporal de proximidade (agachado, sorriso) + vestuário casual que sinaliza 'sou como você'; gatilho de identificação de alta intensidade com lastro real (imagens verificáveis).
- [0:38] "Depois de muito tempo dos Calheiros no poder, Alagoas ainda é um dos estados mais pobres do Brasil." — Medo com saída: nomeia inimigo específico (Calheiros) e alega condição sem quantificação; lastro é 'não verificável' em termos absolutos, mas culturalmente verificável para público local (família política documentada).
- [0:06] "Pobre não sabe nem mexer em computador, muito menos onde vai vender e quanto vale aquilo." — Redução ao ridículo que usa estereótipo como âncora lógica; repetido verbatim em 19.5–23.9s, reforçando por fadiga cognitiva, não por lógica — prepara terreno para refutação moral posterior.

Sugestão: Adicionar um gatilho de prova social positiva (breve depoimento de beneficiário local ou endosso de figura confiável) entre 44.5–62.0s, antes da sequência de proximidade com povo, para

validar externamente a promessa implícita e fechar o sistema persuasivo com mais força. Isto elevaria D5 (fechamento) de 3.5 para 4.5 e reduziria a sensação de promessa orfã. Alternativamente, tornar o CTA final explícito ('vote em JHC para mudança') em vez de implícito, aumentando a clareza do pedido sem sacrificar a sutileza.

N6 — Identidade & Tribo — nota 4/10

O vídeo constrói um 'nós' frágil e reativo, cimentado quase exclusivamente pela hostilidade ao exogrupo. O mecanismo é simples: JHC estabelece uma dicotomia binária entre 'povo' (feiras, periferia, ônibus, zona rural) e 'elite' (Renan Filho, Calheiros, eventos milionários, 'camarote'), e posiciona a si mesmo como o único que está com o povo. Porém, esse 'nós' não possui nome próprio, símbolo reconhecível, bordão ou ritual de pertencimento que transcenda a negação do adversário. O público não aparece como protagonista nomeado — são corpos anônimos em cenários, mãos segurando pratos vazios, mulheres caminhando de costas. Quando JHC interage (feira, ônibus, zona rural), a câmera o enquadra como visitante benevolente, não como membro da comunidade. Não há convite à co-criação com papel real; o CTA implícito é apenas 'vote em mim porque o outro é elitista'. A identidade do 'nós' repousa inteiramente sobre a afirmação de que 'eles' (Renan Filho, a elite política) humilham, excluem e roubam. Quando essa hostilidade é removida mentalmente, o 'nós' desaparece — não há base afirmativa de valores compartilhados, história comum, ou projeto coletivo. A peça trabalha para a transição 'curioso → ativado contra o adversário', não para conectar membros entre si ou premiar um núcleo. O público-alvo é a base eleitoral já descontente com a gestão anterior (Calheiros), e para esse segmento o código funciona: linguagem concreta, sem jargão, nomeação do inimigo, imagens de proximidade geográfica. Mas a construção de comunidade é instrumental e frágil. A sugestão de reestruturação seria: nomear explicitamente o movimento ou coletivo ('Alagoas em Movimento', 'Povo Alagoano'), criar um bordão ou símbolo visual que persista além da crítica ao adversário, e convidar o público a contar suas próprias histórias de exclusão ou esperança — transformando-o de espectador em testemunha nomeada e co-autor da narrativa de mudança.

Dimensões: D1: 2/5 · D2: 1/5 · D3: 3/5 · D4: 1/5 · D5: 1/5

Penalidades: Linguagem de campanha/militância interna para público amplo (dicotomia binária 'nós vs. eles' sem nuance); Público citado (povo, Alagoas) mas sem papel ativo — aparece como massa passiva ou cenário; Pertencimento cimentado exclusivamente por hostilidade ao exogrupo (Renan Filho, Calheiros, elite); nenhuma afirmação positiva de identidade própria; Pedido de engajamento implícito (voto) sem oferta de pertencimento real ou co-criação

Evidências:

- [0:26] "pobre não precisa de humilhação, precisa de oportunidade, quer andar com as próprias pernas" — Única afirmação positiva de identidade do 'povo'; refuta estereótipo anterior, mas não constrói símbolo ou nome próprio para o coletivo
- [0:52] "Renanzinho, você virou um verdadeiro rei do camarote" — Ataque nominal direto ao adversário; 'camarote' é metáfora de exclusão que define o 'nós' apenas por negação

- [1:02] "O povo está nas feiras, na periferia, na zona rural, no busão" — Enumeração de territórios que localiza o 'povo' geograficamente, mas não nomeia o coletivo nem oferece ritual ou símbolo de pertencimento
- [1:02] "JHC interagindo em feira, periferia, zona rural, ônibus — câmera mostra JHC sorridente, agachado, conversando" — Proximidade geográfica e linguagem corporal de empatia, mas JHC permanece enquadrado como visitante/candidato, não como membro nomeado da comunidade
- [1:07] "Alagoas está vendo, tá de olho e vai dar a resposta" — CTA implícito (voto); 'resposta' é ação contra o adversário, não construção de projeto coletivo afirmativo
- [0:00] "Legenda: 'Renanzinho fez isso mesmo? O povo merece respeito. É por isso que a mudança está chegando em Alagoas! #JHCPorTodaAlagoas'" — Hashtag nomeia candidato, não movimento ou coletivo; 'mudança' é promessa vaga sem conteúdo afirmativo; nenhum símbolo ou bordão reconhecível além do nome do candidato

Sugestão: Para elevar a construção de comunidade: (1) nomear explicitamente o movimento ('Alagoas Unida', 'Povo em Movimento') e criar um bordão visual/verbal que persista independentemente da crítica ao adversário; (2) convidar o público a compartilhar suas histórias de exclusão ou esperança com hashtag dedicada, transformando-o de espectador em co-autor; (3) destacar nomes, rostos e vozes de pessoas comuns que já apoiam JHC, criando prova social afirmativa em vez de apenas reativa.

N7 — Validação & Posição Relacional — nota 4/10

A peça de JHC estrutura-se em torno de uma refutação direta, mas comete um erro crítico de sequência: pede validação (e implicitamente voto) sem antes validar a experiência do público-alvo que o assiste. O mecanismo é o seguinte: Renan Filho abre com uma afirmação sobre crime e pobreza ('pobre não sabe nem mexer em computador'), JHC interrompe com 'Renanzinho, olha só' e passa a enumerar direitos ('educação, saúde, segurança, computador, celular'), mas essa enumeração não reconhece a dor específica que o público sente — a exclusão, a falta de oportunidade, a humilhação. Em vez disso, JHC salta direto para a solução técnica (lista de direitos) e para o ataque ao adversário ('rei do camarote', 'eventos milionários'). O público não é validado em sua experiência de abandono; é apenas usado como contraste visual (feiras, periferia, ônibus) para construir a narrativa de que JHC está 'com o povo' enquanto Renan está 'acima'. A frase 'pobre não precisa de humilhação, precisa de oportunidade, quer andar com as próprias pernas' (26.4–31.3s) é a única tentativa de espelhamento, mas chega tarde e é imediatamente subsumida pela enumeração de direitos e pelo ataque ao inimigo nomeado. A congruência não-verbal existe: JHC em camiseta branca, agachado, sorridente nas cenas de rua, contrasta visualmente com a imagem de Renan em palco formal. Mas essa congruência serve ao objetivo de ataque, não ao de validação. O público-alvo (base eleitoral de JHC em Alagoas, segmento popular urbano e rural) reconhecerá os códigos de proximidade e endossará o ataque ao adversário — a peça funciona como munição intragrupo. Porém, para qualquer espectador fora dessa base (persuadível ou neutro), a falta de validação prévia da experiência real de pobreza torna a peça sentida como paternalista: 'você merece direitos' sem 'eu vejo e sinto o que você vive agora'. A legenda ('O povo merece respeito') reforça essa lacuna — é uma afirmação sobre o povo, não uma escuta do povo. Não há pergunta

aberta, não há nomeação da dor latente (por exemplo, 'vocês acordam cedo, trabalham duro e ainda assim não conseguem colocar um filho na escola'), não há autorrevelação que humanize JHC além da proximidade performática. O b-roll em preto e branco (chão rachado, cactos, rochas secas) tenta nomear a dor, mas vem após a refutação, não antes — é ilustração de um argumento já feito, não validação da experiência vivida. A sequência ideal seria: (1) nomear a humilhação que Renan infligiu ('ele disse que você não sabe nem mexer em computador — como se você fosse incapaz'); (2) reconhecer a raiva e a dignidade ferida ('qualquer um no seu lugar estaria furioso'); (3) então propor ('você merece respeito e oportunidade, e é por isso que estou aqui'). Em vez disso, a peça faz (1) ataque ao adversário, (2) lista de direitos, (3) imagens de pobreza como prova de que JHC está 'com o povo'. A invalidação do público não é direta — não há 'você deveria' moralizador —, mas é implícita: o público é retratado como vítima passiva que precisa de um salvador, não como agente que já sabe o que quer. A frase 'Alagoas está vendo, tá de olho e vai dar a resposta' (67.8–71s) é o CTA implícito, mas não há porque que o público deveria dar essa resposta além de 'JHC está com você e Renan não está'. Falta o porque profundo: 'porque você merece ser visto, porque sua dignidade importa, porque você é capaz'.

Dimensões: D1: 2/5 · D2: 2/5 · D3: 2/5 · D4: 3/5 · D5: 4/5

Penalidades: Solução técnica (lista de direitos) despejada sobre dor não reconhecida (–0,5): 'Precisa de educação, saúde, segurança e merece sim, ter computador, celular' chega sem validação prévia da experiência de exclusão.; Autorrevelação autocentrada (–0,5): as cenas de JHC em feiras, periferia e ônibus funcionam como palanque do 'eu estou aqui com vocês', não como escuta genuína do público.; Validação de crença retórica para agradar (–0,5): 'tem muito ladrão rico que engordou' generaliza sem lastro verificável, validando raiva sem nomear a dor específica que a alimenta.

Evidências:

- [0:26] "pobre não precisa de humilhação, precisa de oportunidade, quer andar com as próprias pernas" — Única tentativa de espelhamento e validação emocional, mas chega após refutação lógica e é imediatamente subsumida por enumeração de direitos; não nomeia a humilhação específica que Renan infligiu.
- [0:31] "Precisa de educação, saúde, segurança e merece sim, ter computador, celular" — Solução técnica sem lastro na experiência vivida; lista direitos como se fossem abstratos, não como resposta à dor de quem não tem acesso.
- [0:41] "b-roll em preto e branco: chão rachado, cactos, rochas secas" — Tentativa de nomear pobreza visualmente, mas vem após argumentação lógica, funcionando como ilustração de tese já feita, não como validação da experiência.
- [1:02] "JHC em camiseta branca, agachado, sorridente, interagindo em feira, periferia, zona rural, ônibus" — Congruência não-verbal de proximidade, mas funciona como prova de que 'JHC está com o povo', não como escuta da experiência do povo; é performática, não validadora.
- [0:52] "Renanzinho, você virou um verdadeiro rei do camarote" — Ataque ao adversário por conduta (estar em eventos de elite), mas não reconhece a experiência do público de estar

excluído desses espaços; usa exclusão como munição contra Renan, não como validação da dor de quem a sofre.

- "Legenda: 'O povo merece respeito'" — Afirmação sobre o povo, não escuta do povo; não há pergunta, não há nomeação da dor latente, não há autorrevelação que humanize além da proximidade visual.

Sugestão: Reestruturar a abertura para validar antes de propor: (1) nomear a humilhação específica que Renan infligiu ('ele disse que você não sabe nem mexer em computador — como se você fosse incapaz, como se sua inteligência não valesse'); (2) reconhecer a raiva e a dignidade ferida em termos concretos ('você acordou cedo, trabalhou duro, e ouviu isso'); (3) só então propor ('você merece ser visto, e é por isso que estou aqui'). Isso transforma a peça de ataque-com-proximidade-visual em validação-com-proposta, ampliando o alcance além da base já mobilizada.

N8 — Clareza & Carga Cognitiva — nota 5/10

A peça funciona como um ataque político direto que busca mobilizar a base eleitoral de JHC através de uma narrativa de classe e proximidade. O mecanismo central é a justaposição entre dois mundos: o adversário (Renan Filho) retratado como elitista, distante, cercado por multidões em 'camarotes' e 'eventos milionários', versus JHC apresentado em cenários populares (feiras, periferia, ônibus, zona rural), interagindo com pessoas comuns em postura de igualdade. Essa dicotomia visual-narrativa é reforçada por um bloco de fala contínuo (0–23.9s) que estabelece a âncora lógica: o adversário nega capacidade técnica ao pobre ('pobre não sabe nem mexer em computador'), e JHC refuta essa humilhação apelando à dignidade e direitos ('pobre não precisa de humilhação, precisa de oportunidade'). O problema de fluência reside em três pontos críticos. Primeiro, a frase inicial de Renan Filho (0.9–15.3s) é monolítica: 20 segundos de fala contínua sem pausa, sem corte visual que interrompa o fluxo cognitivo. O espectador de atenção parcial (o alvo em redes sociais) não consegue processar a estrutura lógica completa em uma passada — precisa releitura mental. A sentença 'O bandido que rouba um computador, se eu lhe der a minha opinião, não é o pobre. Pobre não sabe nem mexer em computador, muito menos onde vai vender e quanto vale aquilo' (6.7–15.3s) é sintaticamente truncada, com subordinadas que exigem esforço de reconstrução. Segundo, o texto na tela não colabora com a fala: fragmenta a mensagem em palavras isoladas ('Agora', 'e rico', 'A maioria', 'o pobre', 'nem') que não reconstroem a lógica da frase completa. Um espectador lê 'nem' na tela enquanto ouve 'muito menos onde vai vender e quanto vale aquilo' — há colisão cognitiva, não reforço. Terceiro, a densidade de informação é alta para o formato: 159 palavras em 71 segundos, com apenas um corte de câmera significativo (de Renan para JHC em 16s). O ritmo de corte (14.07 cortes/min) é adequado, mas concentrado nas seções de JHC (cenas curtas de 1–3s); a seção de Renan é um bloco visual monolítico que não respira. Quanto à unicidade da mensagem, há competição: a peça começa com uma refutação lógica ('pobre não rouba computador porque não sabe'), mas transita para uma narrativa de direitos ('pobre merece educação, saúde, segurança, computador'), e depois para um ataque nominal ('Renanzinho, rei do camarote'). Essas três ideias não se hierarquizam claramente — o espectador não sabe qual é a mensagem central: é 'Renan é elitista'? É 'Renan humilha o pobre'? É 'JHC está com o povo'? A concretude lexical é forte (feiras, periferia, ônibus, prato vazio, cactos, rochas secas), gerando imagens mentais vívidas, especialmente nas cenas de JHC em campo. Porém, a carga simultânea é problemática: entre 24–

41s, JHC fala sobre direitos enquanto a tela exibe palavras fragmentadas ('humilhação, precisa de oportunidade, quer andar com as próprias pernas') e, simultaneamente, aparecem imagens em preto e branco de pobreza (prato vazio, cactos, rochas). O espectador processa três canais em paralelo (fala, texto, imagem), ultrapassando o limite de 3 itens de informação por momento. A legibilidade geral é boa (Flesch 78.2, frases de 12.5 palavras em média), mas isso mascara o problema: frases curtas em isolamento são legíveis; frases curtas que formam um bloco contínuo de 20s sem pausa visual não são. O ataque funciona emocionalmente para a base (indignação, esperança, identificação com JHC), mas falha em clareza para um espectador de atenção parcial ou neutro. Sugestão de reestruturação: (1) Quebrar o bloco de fala de Renan em 3–4 segmentos de 5s cada, intercalando cortes para JHC respondendo em tempo real, criando diálogo visual em vez de monólogo. (2) Alinhar o texto na tela com a frase completa, não fragmentada — ex., em vez de 'nem', exibir 'Pobre não sabe mexer em computador' como bloco legível. (3) Reduzir a carga simultânea entre 24–41s: ou remove o b-roll de pobreza (deixa JHC em close), ou silencia a fala e deixa apenas a imagem com legendas, criando dois momentos distintos em vez de sobreposição.

Dimensões: D1: 3.5/5 · D2: 2.5/5 · D3: 3/5 · D4: 4/5 · D5: 2.5/5

Penalidades: Fala contínua máxima de 20.1s sem pausa visual (0.9–15.3s): bloco monolítico exige releitura; Texto na tela fragmentado ('nem', 'e rico', 'A maioria') não reconstrói a lógica da frase falada; colisão cognitiva entre canal visual e auditivo (24–41s); Carga simultânea excessiva entre 24–41s: fala + texto fragmentado + b-roll de pobreza em preto e branco = 3+ canais em paralelo, ultrapassando limite de memória de trabalho; Unicidade da mensagem comprometida: três ideias competem (refutação lógica sobre roubo de computador; narrativa de direitos; ataque nominal ao adversário) sem hierarquia clara

Evidências:

- [0:06] "O bandido que rouba um computador, se eu lhe der a minha opinião, não é o pobre. Pobre não sabe nem mexer em computador, muito menos onde vai vender e quanto vale aquilo." — Bloco de fala contínuo de 8.6s com sintaxe truncada; exige reconstrução mental da lógica; sem pausa visual que interrompa o fluxo
- [0:19] "Pobre não sabe nem mexer em computador, muito menos onde vai vender e quanto vale aquilo." — Repetição idêntica da frase anterior; reforça por redundância, mas não resolve o problema de processamento do bloco monolítico original
- [0:31] "Precisa de educação, saúde, segurança e merece sim, ter computador, celular." — Transição para narrativa de direitos; compete com a refutação lógica anterior; mensagem central não se hierarquiza
- [0:24] "Texto na tela: 'Renanzinho, olha só,' + fala: 'pobre não precisa de humilhação, precisa de oportunidade, quer andar com as próprias pernas.' + imagem: b-roll de pobreza em preto e branco" — Três canais simultâneos (fala, texto, imagem) ultrapassam limite de memória de trabalho; carga cognitiva excessiva
- [0:52] "Renanzinho, você virou um verdadeiro rei do camarote." — Ataque nominal direto; marca terceira ideia central (não é refutação lógica, não é direitos — é crítica pessoal ao adversário)

- [1:02] "JHC interagindo em feira, periferia, zona rural, ônibus com sorriso, agachado, em camiseta branca casual" — Concretude visual forte; gera imagem mental de proximidade e identificação; contrasta com 'camarote' anterior; funciona bem para base, mas reforça dicotomia binária

Sugestão: Reestruturar em três ações: (1) Quebrar o bloco de fala de Renan (0.9–15.3s) em 3 segmentos de 5s cada, intercalando cortes para JHC respondendo em tempo real, criando diálogo visual em vez de monólogo estático. (2) Alinhar o texto na tela com frases completas legíveis ('Pobre não sabe mexer em computador' em vez de 'nem'), reforçando a fala em vez de fragmentá-la. (3) Separar a carga simultânea entre 24–41s: deixar JHC em close sem b-roll de fundo, ou remover a fala e deixar apenas imagens com legendas, criando dois momentos cognitivos distintos em vez de sobreposição que satura a memória de trabalho.

N9 — Formato & Plataforma — nota 5/10

A peça funciona como ataque político direto, mas falha em ser nativa do feed ao misturar dois formatos incompatíveis: debate de palco (Renan Filho falando) e resposta de estúdio (JHC em close). O conteúdo não foi pensado para o scroll vertical do Instagram — é uma captura de evento ao vivo intercalada com gravação de reação, o que dispara o filtro anti-anúncio porque parece 'conteúdo repropósito' e não 'feito para aqui'. A abertura com Renan Filho no palco (0–16s) é particularmente problemática: o espectador não sabe quem está falando, por que deve ouvir, ou qual é a posição de JHC naquele momento. O texto na tela ajuda, mas chega tarde — a varredura visual já pulou. Quando JHC entra em close (16s), há alívio de contexto, mas a estrutura já criou atrito. O consumo sem som é parcialmente funcional: o texto amarelo e branco acompanha a fala, mas as cenas de b-roll em preto e branco (chão rachado, cactos, rochas — 41–44s) dependem totalmente da narração para fazer sentido. Sem áudio, parecem apenas 'imagens tristes genéricas', não 'consequências da gestão anterior'. A saliência visual está bem alinhada com a mensagem nos closes de JHC (seu rosto é o elemento mais chamativo e coincide com o momento de refutação), mas nos blocos de palco, o banner com Renan Filho compete com o locutor — não fica claro se o foco é nele ou na mensagem. A congruência sensorial é fraca: a trilha melancólica sobre pobreza (41–44s) contrasta com a trilha animada sobre eventos (55–60s), o que funciona retoricamente, mas a paleta salta entre azul/preto (palco), marrom/branco (estúdio) e preto/branco (b-roll) sem narrativa visual coerente. O essencial — 'Renan Filho olha o povo de cima, JHC está com o povo' — está distribuído ao longo de 71 segundos, com a acusação central ('rei do camarote') só aparecendo aos 52s. Para um feed onde a atenção dura 3–5 segundos, essa posição é tardia. A estética dispara o filtro anti-anúncio: o banner político no fundo, a iluminação de palco dramática, o corte profissional entre cenas — tudo sinaliza 'conteúdo institucional' ou 'campanha', não 'alguém compartilhando uma opinião'. A voz é nativa (tom coloquial, 'Renanzinho', 'topado'), mas a produção é polida demais. O CTA é implícito e fraco: a legenda diz 'É por isso que a mudança está chegando em Alagoas! 🇮🇧', mas não há botão, link, ou instrução clara ('vote em JHC', 'compartilhe', 'comente'). O emoji de foguete é nativo do Instagram, mas o CTA deveria estar no vídeo, não apenas na legenda — muitos espectadores não leem legenda antes de decidir se pulam. Para ser mais nativa, a peça precisaria: (1) começar com JHC em close, olhando direto para câmera, nomeando o problema ('Renanzinho diz que pobre não sabe mexer em computador') — isso ganha atenção em 2 segundos sem contexto

externo; (2) intercalar a refutação de JHC com cliques curtos de Renan Filho (máximo 3–4 segundos cada), não blocos longos; (3) manter a paleta visual consistente (ou azul/branco ou marrom/branco, não ambas); (4) colocar o CTA explícito aos 30s ('Compartilha aí se você concorda') e repetir no final; (5) garantir que sem som, o texto de apoio seja suficiente para entender a crítica (ex.: 'Renan Filho: pobre não sabe mexer em PC' + 'JHC: pobre merece oportunidade' — não precisa de b-roll de pobreza para fazer sentido). A peça está bem estruturada como debate ou conteúdo de campanha tradicional, mas inadequada para o consumo fragmentado do feed.

Dimensões: D1: 2/5 · D2: 2/5 · D3: 3/5 · D4: 3/5 · D5: 2/5 · D6: 1/5

Penalidades: Abertura com locutor não identificado (Renan Filho) sem contexto — dispara cegueira seletiva (–0,5); Dependência de contexto externo: espectador precisa saber quem é Renan Filho e qual é a relação com JHC para entender o ataque (–0,5); Estética de evento/campanha institucional (banner, iluminação de palco, corte profissional) dispara filtro anti-anúncio (–0,5); Consumo sem som parcialmente comprometido: b-roll de pobreza (41–44s) é genérico e não funciona isolado (–0,5); Essencial enterrado no meio: acusação central ('rei do camarote') aos 52s, fora da zona de atenção inicial (–0,5)

Evidências:

- [0:00] "Abertura com Renan Filho no palco falando sobre crime e pobreza, sem identificação visual ou verbal de quem é" — Demonstra falta de contexto: espectador não sabe por que deve ouvir ou qual é a posição de JHC naquele momento; dispara pulso automático
- [0:16] "JHC entra em close com fundo de madeira, olhando direto para câmera: 'Ele fez isso mesmo?'" — Momento de alívio e clareza, mas chega tarde; a estrutura já criou atrito; saliência está bem alinhada (rosto de JHC = mensagem), mas o dano de contexto já foi feito
- [0:41] "B-roll em preto e branco: mão com prato vazio, cactos, rochas secas — sem fala, apenas trilha melancólica" — Sem som, são apenas 'imagens tristes genéricas'; dependem totalmente da narração anterior para fazer sentido; não funcionam isoladas no mudo
- [0:52] "'Renanzinho, você virou um verdadeiro rei do camarote.'" — Acusação central e mais memorável, mas posicionada aos 52s de 71s totais — fora da zona de atenção inicial (3–5s) do feed; essencial enterrado no meio
- [0:55] "Plateia com celulares levantados em evento + trilha animada vs. JHC em feira, periferia, ônibus + trilha inspiradora" — Congruência sensorial funciona retoricamente (contraste elite/povo), mas paleta salta entre azul/preto, marrom/branco, preto/branco sem narrativa visual coerente
- [1:11] "Legenda: 'Renanzinho fez isso mesmo? O povo merece respeito. É por isso que a mudança está chegando em Alagoas! 🗳'" — CTA implícito e fraco; não há instrução clara (vote, compartilhe, comente); emoji é nativo, mas CTA deveria estar no vídeo, não apenas na legenda

Sugestão: Reestruture para começar com JHC em close (0–3s) nomeando o problema direto: 'Renanzinho disse que pobre não sabe mexer em computador. Sério?' — isso ganha atenção sem contexto externo. Intercale cliques curtos de Renan Filho (máximo 3–4s cada) com refutações de JHC, não blocos longos. Mantenha paleta visual consistente (escolha azul/branco OU

marrom/branco). Coloque CTA explícito aos 30s ('Compartilha aí se você concorda') e repita no final. Garanta que sem som, o texto de apoio seja suficiente para entender a crítica isoladamente — retire b-roll genérico de pobreza e substitua por cenas de JHC interagindo com povo (que já existem e funcionam melhor).

P1 — Tipo de Voto Alvo — nota 7/10

A peça é um ataque direto ao adversário político Renan Filho, estruturado como refutação de uma afirmação anterior (o próprio Renan Filho, em evento público, havia dito que pobres não sabem mexer em computador). O alvo implícito é duplo e bem definido: (1) a base convencida de JHC, que recebe munção para compartilhar e reforçar sua decisão de voto; (2) o eleitor brando favorável, que precisa de segurança de que seu candidato está atento às humilhações sofridas pelo povo. A linguagem é calibrada para esse público: sem jargão de bolha, mas carregada de códigos de pertencimento ao "povo" (feiras, periferia, ônibus, zona rural). O registro é de esperança com entrega de fatos — JHC aparece fisicamente nos locais onde o povo está, não apenas promete.

O mecanismo central funciona por contraste visual e narrativo. Renan Filho é enquadrado como "rei do camarote" (t: 52.1–55.6), cercado de elite em eventos milionários com celulares levantados, olhando "de cima" para o povo. JHC, em contraposição, aparece agachado, sorridente, em camiseta branca, tocando em mulheres, conversando em ônibus e plantações — a linguagem corporal de proximidade é sistemática. O texto em tela reforça: "pobre não precisa de humilhação, precisa de oportunidade, quer andar com as próprias pernas" (t: 26.4–31.3). Isso não é promessa vaga; é refutação direta do estereótipo que Renan Filho enunciou, transformando a humilhação anterior em munção para a base.

O código de linguagem é populista mas não demagógico: "Renanzinho, olha só" (t: 24.4) usa diminutivo com tom de intimidade, não de desprezo. "Topado" (t: 51.7) é gíria que sinaliza pertencimento ao registro popular. A enumeração de direitos ("educação, saúde, segurança e merece sim, ter computador, celular", t: 31.8–38.3) é concreta, não abstrata. O ataque ao adversário nomeia a família política ("Calheiros", t: 38.7–44.5) e o resultado (Alagoas entre os mais pobres), criando antagonismo claro sem desumanização.

Há, porém, dois problemas estruturais que reduzem a eficácia junto ao eleitor persuasível (aquele que ainda não decidiu, mas poderia ser convertido). Primeiro: a peça não oferece CTA explícito. A legenda diz "É por isso que a mudança está chegando em Alagoas! 🗳️", mas não há instrução de ação ("vote em JHC", "compartilhe", "comente"). Para a base, isso é redundante — já sabem o que fazer. Para o persuasível, é uma lacuna: ele vê a crítica ao adversário, mas não recebe permissão clara para migrar. Segundo: o bloco de fala de JHC é longo (t: 24–41, aproximadamente 17 segundos contínuos) sem pausa visual ou auditiva que quebre a fadiga. Embora o corte de cenas seja rápido (média 3.94s), a densidade de informação em um único locutor cria monotonia que o persuasível pode abandonar antes do final.

A sequência dor-alívio está presente e bem executada: a dor é a humilhação (Renan dizendo que pobre não sabe mexer em computador, repetida em t: 19.5–23.9), a imagem em preto e branco de seca e abandono (t: 41–44.46), a acusação de elitismo (camarote, eventos milionários). O alívio é a

refutação ("pobre não precisa de humilhação"), a enumeração de direitos, e a presença física de JHC nos territórios do povo. Isso funciona bem para mobilizar a base e sustentar o brando favorável. Mas a peça não oferece "ponte" para o eleitor brando contrário — aquele que votaria em Renan mas poderia ser seduzido. Não há concessão, não há reconhecimento de que Renan possa ter feito algo certo em segurança (o banner dele diz "virou o jogo na segurança"). A escolha é binária: camarote ou povo. Isso é coerente com o objetivo declarado (atacar), mas reduz o alcance.

A simbologia visual é forte e coerente. O banner de Renan com "virou o jogo na segurança" aparece repetidamente, mas nunca é respondido — é apenas contexto de antagonismo. As imagens de JHC em movimento (feira, periferia, ônibus, plantação) funcionam como prova social de proximidade, não de autoridade. Isso é apropriado para o público-alvo (base + brando favorável), que valoriza identificação sobre expertise. A legenda com emoji de foguete (🚀) e hashtag #JHCPorTodaAlagoas reforça pertencimento e mobilização, mas novamente sem CTA explícito.

Para atingir de fato o alvo persuasível sem perder a base, a peça deveria: (1) inserir um CTA claro no final ("Vote em JHC para trazer o povo para o centro", ou similar), posicionado após a sequência de JHC em movimento, quando a identificação está no pico; (2) quebrar o bloco de fala longo de JHC com uma pergunta retórica ou pausa visual que convide o espectador a responder (ex.: após "merece sim, ter computador, celular", um corte para o rosto de JHC em silêncio, olhando para câmera, por 1–2 segundos); (3) reconhecer minimamente a proposição anterior (ex.: "Segurança é importante, sim. Mas segurança para quem?"), criando ponte para o eleitor que valoriza a agenda de Renan mas duvida da execução. Essas mudanças não alterariam o objetivo (atacar), mas ampliariam o público atingido.

Dimensões: D1: 4.5/5 · D2: 4/5 · D3: 4.5/5 · D4: 4/5

Penalidades: Ataque bem-vindo à base, mas apresentado sem CTA explícito: reduz função de conversão junto ao persuasível (–0,5); Bloco de fala contínuo de 17s sem pausa visual/auditiva: cria fadiga que pode desestimular o não-convertido (–0,5)

Evidências:

- [0:52] "Renanzinho, você virou um verdadeiro rei do camarote." — Ataque nominal direto que nomeia o adversário e o enquadra como elite; funciona como munição para a base
- [0:26] "pobre não precisa de humilhação, precisa de oportunidade, quer andar com as próprias pernas." — Refutação direta do estereótipo enunciado por Renan Filho; reafirma dignidade e cria identificação com o público-alvo
- [1:02] "JHC agachado, sorridente, em camiseta branca, tocando em mulheres e conversando em ônibus e plantações" — Linguagem corporal de proximidade que funciona como prova social de identificação; contrasta visualmente com 'camarote'
- [0:38] "Depois de muito tempo dos Calheiros no poder, Alagoas ainda é um dos estados mais pobres do Brasil." — Nomeia antagonista político (família Calheiros) e alega resultado (pobreza persistente); cria inimigo nomeado para a base
- "É por isso que a mudança está chegando em Alagoas! 🚀 #JHCPorTodaAlagoas" — CTA implícito sem instrução explícita de ação; funciona para base (já sabe votar), mas deixa

persuasível sem permissão clara

Sugestão: Inserir CTA explícito no final ("Vote em JHC") após sequência de proximidade com povo, quando identificação está no pico. Quebrar bloco de fala longo de JHC com pausa visual de 1–2s (rosto em silêncio, olhando para câmera) após "merece sim, ter computador, celular", para convidar resposta emocional do espectador. Considerar reconhecimento mínimo da agenda anterior (ex.: "Segurança é importante, sim. Mas segurança para quem?") para criar ponte com eleitor brando contrário sem perder munção da base.

P2 — Quem Bate, Perde — nota 4/10

A peça funciona como ataque programático ao adversário Renan Filho, mas estrutura-se em torno de um mecanismo que o próprio locutor JHC reconhece como frágil: a refutação de uma afirmação sobre capacidade técnica do pobre. O vídeo abre com Renan Filho argumentando que pobres não cometem roubos sofisticados porque 'não sabem mexer em computador', e JHC responde questionando ('Renanzinho, olha só') e depois pivotando para um enquadramento de classe — elite versus povo — que não resolve a acusação anterior, mas a substitui por uma narrativa de abandono estatal. Isso é estrategicamente eficaz para a base de JHC (eleitores de baixa renda em Alagoas), mas deixa a crítica original sem refutação factual, apenas emocional. O tom é sério e contido na fala de JHC (sem gritos, sem deboche explícito), mas o não-verbal revela um 'sorriso irônico' detectado na análise de expressão facial, o que introduz um ar de superioridade — exatamente o que o eleitor brasileiro rejeita. A montagem visual reforça isso: enquanto JHC fala sobre 'elite nos eventos milionários', a câmera mostra plateia com celulares levantados (prova social do adversário), depois corta para JHC em feiras e ônibus (prova social dele). Essa justaposição é potente, mas carrega o risco de parecer que JHC está se colocando acima moralmente, não ao lado. O ataque é programático (gestão, resultados de Renan Filho em Alagoas: 'Depois de muito tempo dos Calheiros no poder, Alagoas ainda é um dos estados mais pobres do Brasil'), mas sem número específico, sem comparação com gestões anteriores ou projeção clara de mudança. A frase 'tem muito ladrão rico que engordou, topado, roubando o que é do povo' generaliza sem lastro verificável. O maior risco está em que JHC, ao chamar Renan Filho de 'rei do camarote', cria uma metáfora de classe que, embora mobilizadora para a base, pode colar nele mesmo como arrogância — especialmente porque a legenda ('Renanzinho fez isso mesmo?') usa diminutivo pejorativo, que é apelido como recurso central, acionando penalidade. Não há CTA explícito ('vote em mim', 'compartilhe'), apenas implícito ('Alagoas está vendo, tá de olho e vai dar a resposta'). Para o público-alvo declarado (eleitores de baixa renda em Alagoas, base de JHC), a peça funciona: ativa indignação contra elite, oferece identificação (JHC nas ruas, não no camarote) e promessa de mudança. Mas para persuadir o centro — eleitores indecisos que JHC precisaria para vencer — a falta de prova, o tom irônico detectado e a ausência de proposta concreta (educação, saúde, segurança são nomeadas mas não detalhadas) enfraquece o ataque. A crítica poderia ser reestruturada assim: em vez de 'Renanzinho, você virou rei do camarote', apresentar um dado verificável ('Renan Filho participou de X eventos privados enquanto Y% de Alagoas vivia em pobreza extrema em 2023'), manter tom sério sem ironia, e fechar com proposta específica ('Meu plano: 50 mil bolsas de educação técnica em 12 meses'). Isso manteria a mobilização da base sem perder o eleitor de centro.

Dimensões: D1_prova_apresentada: 1/5 · D2_tom_sério_contido: 2/5 · D3_sem_sensacionalismo: 3/5 · D5_conduta_vs_essência: 4/5 · D4_programático_vs_pessoal: 3/5

Penalidades: Ironia/ar de superioridade detectado no não-verbal: sorriso irônico em locutor_2 durante crítica (cenas 2, 4, 8) — reduz credibilidade junto ao eleitor de centro; Apelido pejorativo como recurso central: 'Renanzinho' na legenda e repetido na fala ('Renanzinho, olha só'; 'Renanzinho, você virou...') — ativa penalidade de -0,5; Ataque sem proposta concreta na mesma peça: crítica a 'Calheiros no poder' e 'elite nos eventos' não vem acompanhada de plano específico, apenas promessa genérica ('mudança está chegando') — ativa penalidade de -0,5

Evidências:

- [0:52] "Renanzinho, você virou um verdadeiro rei do camarote." — Ataque nominal direto com metáfora de classe; 'Renanzinho' é apelido pejorativo que reduz a gravidade da crítica e cola ar de superioridade no atacante
- [0:38] "Depois de muito tempo dos Calheiros no poder, Alagoas ainda é um dos estados mais pobres do Brasil." — Crítica programática (gestão, resultados), mas sem número específico, comparação ou fonte — lastro retórico, não verificável; enfraquece prova
- [0:55] "[Imagem de plateia com celulares levantados em evento] + [Fala: 'reúne a elite nos seus eventos milionários e deixa o pobre de fora']" — Justaposição visual-verbal que constrói antagonismo elite/povo; eficaz para base, mas sem prova de que Renan Filho exclui pobres de forma sistemática — sensacionalismo visual
- [0:26] "pobre não precisa de humilhação, precisa de oportunidade, quer andar com as próprias pernas." — Refutação que apela à dignidade, mas não responde à acusação original sobre capacidade técnica — pivota para narrativa emocional em vez de lógica
- [0:16] "Ele fez isso mesmo?" — Pergunta retórica que colhe confirmação; não abre espaço para refutação ou nuance — reduz espaço de diálogo
- [1:07] "Alagoas está vendo, tá de olho e vai dar a resposta." — CTA implícito (voto); promessa de mudança futura sem detalhamento — lastro retórico

Sugestão: Substituir 'Renanzinho, você virou rei do camarote' por dado verificável: 'Renan Filho participou de 47 eventos privados em 2023 enquanto 38% de Alagoas vivia em pobreza extrema — isso é abandono'. Manter tom sério (remover sorriso irônico em edição). Fechar com proposta concreta e datada: 'Meu plano: 50 mil bolsas de educação técnica em 12 meses, começando nas periferias de Maceió' — isso mantém mobilização da base sem perder o eleitor de centro que exige prova e programa.

P3 — Performance de Debate — nota 7/10

A peça é um ataque político estruturado em dois movimentos: refutação e reposicionamento. No primeiro (0–24s), JHC captura uma fala de Renan Filho sobre crime e pobreza, a questiona com ironia ('Ele fez isso mesmo?') e a repete para fixação. No segundo (24–71s), constrói uma narrativa de antagonismo classe mediante metáfora visual e verbal: Renan Filho como 'rei do camarote' (elite em eventos milionários) versus JHC como homem do povo (feiras, periferia, ônibus, zona rural). A mensagem central — 'o povo merece respeito, não humilhação' — aparece inserida no bloco de

refutação (26–31s: 'pobre não precisa de humilhação, precisa de oportunidade, quer andar com as próprias pernas'), mas não reaparece nos blocos seguintes com naturalidade. Em vez disso, a narrativa se desdobra em acusação (Calheiros/pobreza de Alagoas, 38–44s) e crítica de conduta (exclusão do povo dos eventos, 52–61s), sem reafirmar a promessa central de forma contundente. O encerramento (67–71s: 'Alagoas está vendo, tá de olho e vai dar a resposta') é uma CTA implícita — apela ao voto sem nomeá-lo, deixando a ação esperada subentendida.

No plano não-verbal, JHC mantém presença firme em estúdio (close, olho na câmera, sorriso irônico controlado) e, nas cenas de campo, linguagem corporal de proximidade (agachado, sorridente, camiseta casual). Não há interrupções ou exaltação; a conduta é contida e profissional. O adversário (Renan Filho) aparece apenas em vídeo de evento, sem direito de resposta — formato que favorece o atacante.

Os dados citados apresentam risco moderado. 'Alagoas ainda é um dos estados mais pobres do Brasil' (38–44s) é verificável em termos de ranking de IDH/renda, mas sem fonte citada e sem número específico ('um dos' é vago). A acusação de que Renan Filho 'reúne a elite nos seus eventos milionários' (56–61s) é inferência visual (plateia com celulares em evento) — não há prova de que o evento seja dele ou que seja 'milionário'. A frase anterior de Renan Filho — 'Pobre não sabe nem mexer em computador' — é redução ao ridículo que JHC refuta com dignidade ('pobre merece ter computador, celular'), mas a refutação não destrói o argumento original com lógica; apenas o nega com apelo moral.

A concretude dos exemplos é alta: nomes de lugares (feiras, periferia, zona rural, ônibus, Alagoas, Calheiros) e ações específicas (JHC agachado em plantação, conversando em ônibus, interagindo em feira). Faltam nomes de pessoas beneficiadas ou histórias individuais que ancorem a promessa de 'oportunidade' — o povo aparece como coletivo abstrato, não como cidadão nomeado.

A estrutura de abertura é forte: pergunta retórica ('Renanzinho fez isso mesmo?') que colhe confirmação e prepara refutação. O fechamento é fraco: 'vai dar a resposta' é promessa de ação futura sem detalhe de como ou quando, e sem reafirmação clara da mensagem central. A peça não fecha um loop de curiosidade; apenas deixa em aberto a expectativa de mudança.

Para o público-alvo declarado (base eleitoral de JHC em Alagoas, eleitores de baixa renda, periféricos), a linguagem funciona bem: códigos de grupo ('Renanzinho' como apelido de desprezo, 'camarote' como símbolo de exclusão), referências locais (Calheiros, Alagoas, Maceió implícita), e identificação visual (JHC em camiseta, não em terno). O sorriso irônico e o tom de indignação contida mobilizam a base sem alienar indecisos — é agressivo o suficiente para satisfazer apoiadores, mas não tão excessivo que pareça descontrole.

O maior déficit é a ausência de promessa específica e repetida. JHC critica bem ('o povo merece respeito'), mas não diz o que fará diferente além de 'estar com o povo'. A peça vive de antagonismo (elite vs. povo) e não de proposta. Para um público mais amplo ou persuasível, isso seria fatal; para a base, é suficiente porque reforça pertencimento e raiva do inimigo comum. Contudo, mesmo para a base, uma frase como 'Vou trazer computador e internet para toda criança de Alagoas' (concreta,

repetida, nomeada) teria maior impacto que 'merece sim, ter computador, celular' (genérica, dita uma vez).

Dimensões: D1: 3/5 · D2: 4/5 · D3: 4/5 · D4: 4/5 · D5: 3/5

Penalidades: Ironia ao oponente reiterada ('Renanzinho', 'rei do camarote', sorriso irônico) — reduz 0,5; Pergunta retórica do adversário deixada sem resposta contundente (16–19s: 'Ele fez isso mesmo? Repete aí' — JHC apenas repete, não refuta com lógica) — reduz 0,5

Evidências:

- [0:26] "pobre não precisa de humilhação, precisa de oportunidade, quer andar com as próprias pernas" — mensagem central aparece uma única vez, em bloco de refutação; não reaparece em outros blocos com naturalidade
- [0:38] "Depois de muito tempo dos Calheiros no poder, Alagoas ainda é um dos estados mais pobres do Brasil" — dado verificável em termos de ranking, mas sem fonte citada e sem número específico; 'um dos' é vago
- [0:52] "Renanzinho, você virou um verdadeiro rei do camarote" — ataque nominal direto com metáfora de elitismo; ironia controlada, mas reiterada
- [1:02] "O povo está nas feiras, na periferia, na zona rural, no busão" — concretude alta em lugares; faltam nomes de pessoas beneficiadas ou histórias individuais
- [1:07] "Alagoas está vendo, tá de olho e vai dar a resposta" — encerramento fraco: CTA implícito (voto) sem detalhe de como ou quando; não reafirma mensagem central

Sugestão: Reafirmar a mensagem central ('o povo merece respeito e oportunidade') em pelo menos dois blocos adicionais — uma vez após a crítica aos Calheiros (44s) e outra no encerramento, substituindo 'vai dar a resposta' por promessa nomeada e concreta (ex.: 'Vou levar educação, saúde e emprego para cada bairro de Alagoas'). Isso fecharia o loop e daria ao público-alvo munição clara além de antagonismo.

P4 — Eleitor-Herói — nota 5/10

A peça constrói uma narrativa de ataque ao adversário (Renan Filho) que, estruturalmente, falha em colocar o eleitor como protagonista. O mecanismo central é a justaposição: Renan Filho aparece em palco com banner, cercado por plateia com celulares levantados (o 'camarote'), enquanto JHC é mostrado em feiras, periferias, ônibus e zonas rurais, interagindo diretamente com pessoas. Essa geografia visual é potente e funciona bem para o público-alvo declarado (base de JHC em Alagoas), criando identificação por proximidade. No entanto, a narrativa permanece centrada na conduta do adversário — sua elitismo, sua distância, sua exclusão — em vez de afirmar quem o eleitor se torna ao escolher JHC. O trecho 'pobre não precisa de humilhação, precisa de oportunidade, quer andar com as próprias pernas' (26.4–31.3s) é o ponto mais próximo de uma transformação de identidade, mas aparece como refutação da fala anterior de Renan Filho, não como promessa de futuro. A sequência visual que se segue (JHC em feiras, periferia, ônibus) mostra o candidato como guia presente, mas o texto verbal não afirma explicitamente: 'você vai fazer isso', 'você vai ter isso', 'você vai ser isso'. Em vez disso, a fala termina com 'Alagoas está vendo, tá de olho e vai dar a resposta'

(67.8–71s), que é uma promessa de ação coletiva vaga, sem agência clara do eleitor individual. A razão eu/você é 2:1 (locutor_2/JHC domina o espaço de fala), e embora o público-alvo seja a base local, a peça não oferece um papel futuro concreto ao eleitor — apenas oferece rejeição ao adversário e presença do candidato no território. A empatia é específica (nomeia feiras, periferia, zona rural, ônibus — vocabulário do território), mas a autoridade é demonstrada por proximidade física, não por prova de competência. Não há messianismo explícito ('só eu posso'), mas há um desequilíbrio: o eleitor é espectador da transformação de JHC (de prefeito a pré-candidato), não protagonista de sua própria transformação. Para reequilibrar, a peça deveria terminar com uma afirmação clara do que o eleitor fará ou será: 'você vai governar junto comigo', 'você vai decidir o futuro de Alagoas', 'você vai sair dessa condição porque você merece e vai agir'. Isso reposicionaria o eleitor do papel de testemunha da incompetência alheia para o papel de agente de mudança.

Dimensões: D1: 2/5 · D2: 3/5 · D3: 3/5 · D4: 2/5 · D5: 4/5

Penalidades: Razão eu/você acima de 2:1 (locutor_2 domina 60% do tempo de fala; eleitor é espectador); Empatia protocolar em partes: 'pobre não precisa de humilhação' é específica, mas 'vai dar a resposta' é vaga e não nomeia ação do eleitor; Promessa em que eleitor só recebe presença do candidato, nunca age: 'Alagoas está vendo, tá de olho' é ação coletiva sem agência individual; Ausência de transformação de identidade concreta: eleitor termina como começou (observador de incompetência alheia, não protagonista de mudança própria)

Evidências:

- [0:26] "pobre não precisa de humilhação, precisa de oportunidade, quer andar com as próprias pernas" — Único momento em que identidade futura é nomeada (dignidade, autonomia), mas aparece como refutação, não como promessa de ação do eleitor
- [1:02] "JHC interagindo em feira, periferia, zona rural, ônibus (cenas 13–17)" — Empatia específica com território; guia presente. Mas eleitor não aparece como agente — apenas como receptor de presença
- [1:07] "Alagoas está vendo, tá de olho e vai dar a resposta" — Promessa de mudança coletiva vaga; não afirma quem age nem como o eleitor individual participa
- [0:52] "Renanzinho, você virou um verdadeiro rei do camarote" — Ataque ao adversário domina a narrativa; rejeição ao outro, não afirmação do eleitor
- [0:38] "Depois de muito tempo dos Calheiros no poder, Alagoas ainda é um dos estados mais pobres do Brasil" — Antagonista nomeado (Calheiros); culpa externa, não agência do eleitor para mudar

Sugestão: Reposicionar o encerramento: em vez de 'Alagoas está vendo, tá de olho e vai dar a resposta', afirmar 'você vai dar a resposta no dia da eleição — você vai escolher quem está com você, não acima de você'. Ou, durante as cenas de JHC em território, inserir fala que diga: 'você merece educação, saúde, segurança — e você vai ter porque você vai votar em quem respeita seu trabalho'. Isso move o eleitor de espectador da incompetência alheia para agente de sua própria transformação.

Flags de Integridade

Flags medem risco no conteúdo; não são recomendação de uso.

R1_rigidez_ideologica — gravidade 2/3

O conteúdo opera a partir de premissas axiomáticas (pobre = incapaz, elite = corrupta) que não admitem refutação. A estrutura lógica é dedutiva e fechada: cada afirmação segue de uma premissa anterior sem abertura a contraprova. Não há concessivas, hedge ou reconhecimento de complexidade. A dicotomia elite/povo é apresentada como irreconciliável. A identidade de grupo (povo) é fusionada com a do emissor (JHC), e o exogrupo (elite, Calheiros, Renan Filho) é tratado como monolítico e hostil. Padrão recorrente que estrutura o discurso inteiro.

- [0:00] "Agora tem gente que comete crime, pobre e rico também."
- [0:06] "O bandido que rouba um computador, se eu lhe der a minha opinião, não é o pobre. Pobre não sabe nem mexer em computador, muito menos onde vai vender e quanto vale aquilo."
- [0:38] "Depois de muito tempo dos Calheiros no poder, Alagoas ainda é um dos estados mais pobres do Brasil."
- [0:52] "Renanzinho, você virou um verdadeiro rei do camarote... reúne a elite nos seus eventos milionários e deixa o pobre de fora."
- [0:00] "Estrutura geral: elite (Renan Filho, Calheiros, eventos milionários) vs. Povo (feiras, periferia, ônibus, JHC)"

R3_aceleradores_espiral — gravidade 2/3

O conteúdo mobiliza ameaça existencial (pobreza persistente sob gestão anterior), narrativa de humilhação/exclusão ('de cima', 'deixa de fora'), e oferece significância heroica ao espectador via identificação com JHC como redentor. A sequência dor (exclusão, pobreza) → alívio (mudança via voto) é explícita. A linguagem corporal de JHC (agachado, sorridente, próximo) e a enumeração de territórios populares reforçam a oferta de pertencimento. Padrão recorrente que estrutura a segunda metade do vídeo.

- [0:38] "Depois de muito tempo dos Calheiros no poder, Alagoas ainda é um dos estados mais pobres do Brasil."
- [0:56] "Olha o povo de cima, reúne a elite nos seus eventos milionários e deixa o pobre de fora."
- [0:52] "Renanzinho, você virou um verdadeiro rei do camarote."
- [1:07] "Alagoas está vendo, tá de olho e vai dar a resposta."
- [1:02] "JHC interagindo em feira, periferia, zona rural, ônibus — cenários de proximidade com povo"

R4_campanha_suja_rumor — gravidade 2/3

O conteúdo faz acusações sem fonte: (1) refuta fala anterior de Renan Filho sem reproduzi-la ou contextualizá-la; (2) atribui pobreza de Alagoas aos Calheiros sem dados comparativos ou causais; (3) generaliza 'ladrão rico' sem nomeação; (4) ataca Renan Filho por 'camarote' sem prova de conduta excludente específica. Todas as acusações exploram preconceito preexistente (elitismo, corrupção política) sem lastro verificável. Padrão recorrente.

- [0:06] "O bandido que rouba um computador, se eu lhe der a minha opinião, não é o pobre. Pobre não sabe nem mexer em computador..."
- [0:38] "Depois de muito tempo dos Calheiros no poder, Alagoas ainda é um dos estados mais pobres do Brasil."
- [0:45] "tem muito ladrão rico que engordou, topado, roubando o que é do povo."
- [0:52] "Renanzinho, você virou um verdadeiro rei do camarote."

Inventário de Gatilhos (22)

t	Gatilho	Categoria	Int.	Lastro	Trecho
0:00	logico	logico	3	retorico	Elite (Renan Filho, Calheiros, eventos milionários) vs. Povo (feiras, periferia, ônibus, JHC)
0:00	emocional	emocional	1	real	Agora tem gente que comete crime, pobre e rico também.
0:04	emocional	emocional	2	retorico	A maioria dos partidos, ao meu ver, são ricos.
0:06	logico	logico	3	retorico	O bandido que rouba um computador, se eu lhe der a minha opinião, não é o pobre. Pobre não sabe nem mexer em computador,
0:16	persuasivo	persuasivo	2	retorico	Ele fez isso mesmo?
0:19	narrativo	narrativo	2	retorico	Pobre não sabe nem mexer em computador, muito menos onde vai vender e quanto vale aquilo.
0:24	unidade	unidade	2	real	Renanzinho, olha só... pobre não precisa de humilhação, precisa de oportunidade, quer andar com as próprias pernas.
0:26	emocional	emocional	3	real	pobre não precisa de humilhação, precisa de oportunidade, quer andar com as próprias pernas.
0:31	emocional	emocional	2	real	Precisa de educação, saúde, segurança e merece sim, ter computador, celular.
0:38	emocional	emocional	2	nao_verificavel	Depois de muito tempo dos Calheiros no poder, Alagoas ainda é um dos estados mais pobres do Brasil.

t	Gatilho	Categoria	Int.	Lastro	Trecho
0:38	emocional	emocional	3	nao_verificavel	Depois de muito tempo dos Calheiros no poder, Alagoas ainda é um dos estados mais pobres do Brasil.
0:45	prova_social	prova_social	2	retorico	tem muito ladrão rico que engordou, topado, roubando o que é do povo.
0:52	emocional	emocional	3	real	Renanzinho, você virou um verdadeiro rei do camarote.
0:52	persuasivo	presuasivo	3	retorico	'rei do camarote' + 'elite nos eventos milionários' vs. 'povo nas feiras, periferia'
0:55	prova_social	prova_social	2	real	plateia com celulares levantados em evento
0:55	persuasivo	presuasivo	3	real	plateia com celulares levantados em evento milionário
0:56	emocional	emocional	3	retorico	Olha o povo de cima, reúne a elite nos seus eventos milionários e deixa o pobre de fora.
1:02	afeicao	afeicao	2	real	JHC em camiseta branca, sorridente, agachado, conversando com mulheres e passageiros
1:02	persuasivo	presuasivo	3	real	JHC interagindo em feira, periferia, zona rural, ônibus
1:02	unidade	unidade	2	real	O povo está nas feiras, na periferia, na zona rural, no busão.
1:07	emocional	emocional	2	retorico	Alagoas está vendo, tá de olho e vai dar a resposta.
—	narrativo	narrativo	2	retorico	Legenda: 'É por isso que a mudança está chegando em Alagoas! 🇧🇷'

Métricas computáveis

ritmo — 159 palavras/min; 14.07 cortes/min

- **silencios:** {"quantidade":0,"duracao_total_s":0} (ok) — nenhuma pausa dramática $\geq 1,5s$
- **cortes_min:** 14.07 (ok) — ritmo de corte dentro da faixa de conteúdo nativo
- **cena_media_s:** {"media_s":3.94,"mais_longa":{"ini":24,"duracao_s":17}} (ok) — cenas curtas renovam estímulo
- **densidade_info:** 159 (ok) — densidade de fala confortável
- **variacao_ritmo:** 5.09 (ok) — ritmo variável (alternância de cadência)
- **fala_continua_max:** 20.1 (atencao) — bloco de fala longo sem pausa/corte — fadiga
- **texto_tela_colisao:** 0 (ok) — texto e fala raramente colidem

emocao — perda/ganho só perda (1 frases); absolutismo 0/100

- **hedges:** 0 (atencao) — quase nenhum modalizador — discurso sem concessivas
- **absolutismo:** 0 (ok) — linguagem flexível
- **razao_dor_prazer:** {"razao":1,"sequencia_dor_prazer":true} (ok) — sequência dor → alívio detectada (motor de decisão)
- **razao_perda_ganho:** "só perda (1 frases)" (alto) — enquadramento de perda dominante
- **essencia_vs_conduta:** 0 (ok) — ataques (se houver) são a condutas, não a essências
- **desumanizacao_lexico:** {"trechos":[],"contagem":0} (ok) — sem metáforas de praga/sujeira/doença/animal

proposta — 1 promessa(s); 0 número(s)

- **promessas:** {"contagem":1,"primeiras":["Agora numa coisa eu concordo, tem muito ladrão rico que engordou, topado, roubando o que é do povo"]} (ok) — 1 frase(s) de promessa
- **numeros_especificos:** {"contagem":0,"pct_quebrados":0} (atencao) — nenhum número citado
- **perguntas_retoricas:** 0 (ok) — nenhuma pergunta retórica

estrutura — nenhum CTA detectado

- **ctas:** {"direto":0,"timestamps":[],"transitorio":0,"posicoes_relativas":[]} (atencao) — nenhum CTA detectado
- **loops:** {"abertos":0,"fechados":0,"abertos_no_final":0} (ok) — nenhum loop de curiosidade
- **porque_pedido:** 0 (atencao) — pedidos sem "porque" por perto
- **gatilhos_resumo:** {"multidao":
{"contagem":1,"pct_lastro_real":100,"intensidade_media":2},"cta_direto":
{"contagem":1,"pct_lastro_real":0,"intensidade_media":2},"indignacao":
{"contagem":5,"pct_lastro_real":60,"intensidade_media":2.4},"territorio":
{"contagem":1,"pct_lastro_real":100,"intensidade_media":2},"justaposicao":
{"contagem":1,"pct_lastro_real":100,"intensidade_media":3},"similaridade":
{"contagem":1,"pct_lastro_real":100,"intensidade_media":2},"medo_com_saida":
{"contagem":1,"pct_lastro_real":0,"intensidade_media":2},"escolha_binaria":
{"contagem":1,"pct_lastro_real":0,"intensidade_media":3},"esperanca_ganho":
{"contagem":2,"pct_lastro_real":50,"intensidade_media":2},"inimigo_nomeado":
{"contagem":1,"pct_lastro_real":0,"intensidade_media":3},"nos_identitario":
{"contagem":1,"pct_lastro_real":100,"intensidade_media":2},"contraste_ancora":
{"contagem":1,"pct_lastro_real":0,"intensidade_media":3},"norma_majoritaria":
{"contagem":1,"pct_lastro_real":0,"intensidade_media":2},"repeticao_promessa":
{"contagem":1,"pct_lastro_real":0,"intensidade_media":2},"geografia_persuasiva":
{"contagem":1,"pct_lastro_real":100,"intensidade_media":3},"pergunta_canal_unico":
{"contagem":1,"pct_lastro_real":0,"intensidade_media":2},"metafora_estruturante":
{"contagem":1,"pct_lastro_real":0,"intensidade_media":3}} (ok) — 22 gatilhos em 17 categorias
- **t_primeiro_pedido:** null (atencao) — sem pedido com timestamp
- **repeticao_promessa:** 0 (atencao) — promessa dita no máximo uma vez

legibilidade — Fácil (Flesch 78.2), frases de 12.5 palavras

- **ttr:** 0.622 (ok) — diversidade lexical típica
- **concretude:** 0.83 (ok) — discurso concreto, gera imagem mental
- **flesch_ptbr:** 78.2 (ok) — leitura fácil (alvo atingido)
- **frase_media:** 12.5 (ok) — frases curtas, processamento leve
- **densidade_jargao:** 0 (ok) — pouco jargão político-burocrático

direcionamento — razão eu/você 2; "você" 1.06/100 palavras

- **indice_nos:** 0 (atencao) — pouca construção de "nós"
- **razao_eu_voce:** 2 (atencao) — emissor começa a dominar
- **densidade_voce:** 1.06 (ok) — fala direta com o espectador
- **razao_nos_eles:** 2 (atencao) — endogrupo domina sobre o exogrupo

Transcrição

Agora Agora tem gente que comete crime, pobre e rico também. A maioria dos partidos, ao meu ver, são ricos. O bandido que rouba um computador, se eu lhe der a minha opinião, não é o pobre. Pobre não sabe nem mexer em computador, muito menos onde vai vender e quanto vale aquilo. Ele fez isso mesmo? Repete aí. Pobre não sabe nem mexer em computador, muito menos onde vai vender e quanto vale aquilo. Renanzinho, olha só, pobre não precisa de humilhação, precisa de oportunidade, quer andar com as próprias pernas. Precisa de educação, saúde, segurança e merece sim, ter computador, celular. Depois de muito tempo dos Calheiros no poder, Alagoas ainda é um dos estados mais pobres do Brasil. Agora numa coisa eu concordo, tem muito ladrão rico que engordou, topado, roubando o que é do povo. Renanzinho, você virou um verdadeiro rei do camarote. Olha o povo de cima, reúne a elite nos seus eventos milionários e deixa o pobre de fora. O povo está nas feiras, na periferia, na zona rural, no busão. Alagoas está vendo, tá de olho e vai dar a resposta.

Ritmo de edição

Cortes: 17 · Cortes/min: 14.1 · Cena média: 4.0s

Gerado pelo Decodificador de Eficácia Comunicacional em 23/07/2026, 20:34:59